

Entra nas lojas dos conhecidos muito atarefado, annunciando o papel que vae fazer, e para isso pergunta com interesse se ha na casa uns calções vermelhos, um colete branco, um bonet azul, e, se lhe dizem que sim, responde atrapalhado:—«que não é preciso, que já lá tem em casa, que era curiosidade.»—E se lhe mostram o fato:—«tal e qual, tal e qual como o que hei de levar á noite—»

Então os caixeiros:—que bonito ha de ser—e desejosos, interessados:—quem me dera cá as oito horas—.

Ao levantar do panno entra em scena com os olhos fixos no camarote do namoro, e declamando, dirige-se á ingenua (umas ingenuas de ventres cheios) e pensa na da friza para no dia seguinte lhe dizer em calão:—que o palavriado do papel lhe era dirigido por tabella—.

Depois os jornaes citam-lhe o nome, elogiam-n'o, e aconselhando:—que continue, que continue, e como legado valioso deixa á familia a s criticas impressas nas folhas da terra.

E a immortalidade não tem para elles um pedestal de cortiça. . . . Já é ingratição!

SALAMANDRA.

CONGO 23 D'ABRIL DE 1884

(CHRONICAS DA CORTE DA RAINHA D. AMALIA I.)

IV

Depois da despedida da companhia lyrica, com o beneficio do valente Devoyod, o Colyseu tem attrahido ás suas recitas a cidade inteira—meninas sentimentaes que vão vêr alferes, e deputados que fazem lyricas sobre a reforma da Carta, velhos conselheiros que pedem cantharidas á gaiatice do *cancon*, e solteironas que buscam pruridos de prazer na frescura d'uma operetta deliciosa.

Fui ha dias lá com o Marcelino de Mesquita, conhecem? Nem *vóciencias* conhecem outra coisa... Aquelle bello espirito que faz versos graciosos como uma miniatura e chronicas distinctas como um *gentleman*, lembram-se?

Chiado abaixo, o eterno espectáculo: as mesmas *montres*, as mulheres do costume e os jano-

tas invariaveis, com a mesma *pose* e a mesma falta de grammatica. *Cocottes* adoraveis que têm generosidades de sangue e d'amor, levantam com malicia os engommados das saias e mostram as meias cõr de carne palpitando com os tremõres d'uma perna admiravelmente cinzelada e soberbamente appetitosa. Comendadores sizudos e velhos barões arruinados falam da votação que o governo terá na camara dos pares, e commentam, muito a serio, a ultima phrase infeliz d'um ministro e o dito espirituoso d'um deputado que aspira—má lingua, com certeza—a um logar de secretaria e a uma burguezia rica. E ao fundo, dominador de talento, o grande Fialho d'Almeida discutindo com Fortunato da Fonseca as instituições e a natureza com os seus largos pontos de vista e a sua valente intuição d'inspirado.

No Rocio, um trem aproxima-se de nós; é uma gentil viscondessa que passa. A sua parelha fidalga trota de manso, com receios de acordar d'uma *réverie* suavissima aquella mulher encantadora. E atravez das primeiras sombras da noite, nós podemos admirar-lhe o perfil idealmente branco, d'uma gloriosa correção d'estatua, com o olhar semi-velado, perdendo-se talvez n'algum cantinho do seu passado aventureiro e phantasista. Bella mulher, na verdade!

Á porta do Martinho, litteratos imberbes estragam phrases a elogiar o *D. Maria*, cospem irreverencias gaiatas sobre um juiz que passa ou sobre um estroina que vae guiando uns baios magnificos, e gastam os mesmos adjectivos quer se aprecie uma peccadora, quer se discuta a *première* d'um drama.

Entramos no Colyseu. É dia de *Mascotte*. Ouvem-se os primeiros compassos, e a alegria começa a entornar por todo aquelle poemeto em que a carne palpita, guizalhadas de notas, frescas como a verbena e luxuriosas como o seio d'uma amante nova. . . .

Ha explosões de palmas; os applausos estoiram n'uma vibração d'entusiasmo; á flôr de todos os rostos sobrenada uma satisfação sincera.

As actrizes agradecem gentilmente, com um sorriso malicio-

so a borboletear-lhes á roda dos labios, dobrando a espinha com uma graça infinita e atirando para a plateia com os seus olhos diabolicamente tentadores e deliciosamente bellos. . .

* * *

E á sahida, Marcelino de Mesquita lembrava-me com saudade a Esther—aquella allucinada que se lançou a correr mundo atraz da gloria e do oiro, perdendo-se hoje n'uma aventura, engolphando-se amanhã na sombra d'uma divida, travessa como um principe estroina que esbanjasse o seu sangue entre o *cognac* e os peitos d'uma mundana celebre. . .

Soberba doida—a Esther!

ROQUE DITAMBÉ, junior.

ALLEGROS

TRANSFORMAÇÕES

É sol nado. O ceu brilhante aquece co'a labareda dos raios, com que embebeda a natureza abundante.

Mais delicada que um vime, cantando, passeia Flora por entre os filtros da aurora n'uma alegria sublime.

No campo formoso e limpo brotam, d'um mar d'esplendores, *bouquets* de folhas e flores com as bellezas do Olympo.

* * *

Mas eis que a sombra desfila... já quando o sol vacillante, bem como um olho gigante, fecha a vermelha pupilla.

Então, no grande scenario ha mutações muito bellas: erram á luz das estrellas mil coisas d'aspecto vario.

E beijando a Endymion Diana—a loira formosa esconde-o, qual uma rosa, no seio orvalhado e bom.

A. F.

EM SEARA ALHEIA

O Penafidense:

«Tem continuado nos baixos «do senhor commendador Meirelles o bazar em beneficio da «conferencia de S. Vicente de «Paula;»

A conferencia de S. Vicente de Paula fica muito bem nos baixos do commendador, mas os baixos do commendador é que

não ficariam muito bem por cima do S. Vicente.

Continua:

«n'estas trez ultimas noites foi «bastante concorrido e fizeram «se algumas vendas vantajosas.»

Muitos parabens aos compradores que se não teem limpeza pelo menos teem coragem.

Os baixos do commendador foram concorridos. . . e depois fizeram-se vendas com vantagem:—que ricos, os baixos do commendador!

A *Correspondencia de Coimbra* publica alguns artigos dos estatutos da companhia de bombeiros voluntarios. Apesar da muito sympathia que temos por essa benemerita sociedade não resistimos á tentação de commentar algumas disposições d'esse regulamento.

«Art. 2.º Esta associação póde «ser constituída por pessoas de «ambos os sexos, quer nacionaes «quer estrangeiras, logo que tenham uma posição social compativel com os fins da mesma «associação, e com o desempenho dos deveres impostos aos «aggregiados.

Uma posição social compativel com os fins da associação, ora o fim da associação é tratar das bombas, agora que se definam as posições sociaes. . .

§ 1.º Só podem associar-se «os menores que forem auctorisados por seus paes ou tutores.»

Quem terá a crueldade de entregar ao filhinho os cuidados da bomba?

«§ 2.º As senhoras casadas, «afim de se aggregiarem a esta «associação, necessitam do assentimento de seus maridos.»

Muito justo:—tractar da bomba sem a respectiva licença conjugal era o cumulo do descaramento.

«Art. 11.º Esta associação será constituída por tres classes «de socios; benemeritos, activos «e protectores.»

Em tractos de bomba apenas socio activo. . . . Verdade é que os gostos variam. . . .

PELA NOSSA SEARA

Muito erro typographico, muito motivo para pedir desculpa aos nossos assignantes.—Que já se não usa a tal listasita dos erros

com as respectivas emendas á outra columna — diz-se por ahí todos os dias.

E a *pequena* vae com a moda. Vinda de ferias, fadigas de viagens, saudades da terra, e o resultado — más revisões, uma desgraça.

— E nós que os aturemos — diz o leitor agora muito cheio de coleras, todo o dia, quasi a jurar que foi roubado no seu vinthem . . .

Eu bem sei como me vingava e satisfazia o leitor; puchando as orelhas á prosa cá da casa.

Mas perdoemos-lhe por hoje; sim? Como v. ex.* é benevolol!...

VICENTE ALEGRIA.

O nosso amigo Serras da Conceição, antigo collaborador do nosso semanario, continúa os seus apreciaveis artigos de critica, principiados a publicar nos numeros da 1.ª serie.

ESBOÇOS DE CRITICA

O NATURALISMO

I

É o naturalismo arguido de não ter ideias, nem moral.

Estas duas accusações, vibradas pelos idealistas, consubstanciam toda a resistencia, que actualmente a formula naturalista encontra na sua marcha triumphante.

Esgotado todo o arsenal de estafados argumentos, apenas ficaram de pé, vacillantes e impotentes, aquellas duas objecções.

Na subordinação do artista á observação da natureza, que é o character proeminente do realismo, não vêem os pallidos românticos senão o rebaixamento da arte redusida a uma estreita e servil imitação.

É preciso esclarecer este ponto, cuja falsa comprehensão embaraça o triumpho definitivo e seguro do naturalismo.

A formula naturalista não pretende copiar, ou imitar servilmente a natureza; mas interpretal-a, dando relevo e vulto ao que n'ella assiste de predominante e essencial.

Assim comprehendido, o naturalismo não estreita e restringe os dominios da arte, pelo con-

trario rasga á imaginação do artista novos e mais largos horizontes, todo o vasto campo da natureza e da vida, onde a curiosidade do homem pode fazer penetrar a luz da observação que esclarece e illumina muitas vezes traços de recondita belleza e harmonia, a que a arte vae dar relevo e evidencia.

A arte é a expressão harmoniosa da realidade, observada nos variados aspectos que ella reveste, nas multiplices manifestações da natureza, e no intrincado conflicto das paixões humanas.

Interrogar a natureza e o homem, surprehender-lhes as manifestações, e traduzil-as n'uma obra onde a vida palpita, e a realidade fulgure, engrandecida pelo poder ampliador da imaginação — tal é a intenção do realismo.

Pôde haver, e ha, divergencias na adopção dos processos, e n'estas divergencias encontra fundamento a classificação de physiologistas e psychologistas, em que alguns notaveis criticos tem agrupado os escriptores da escola naturalista; mas, relativamente á comprehensão da formula naturalista, é unanime e concorde a opinião de todos, criticos e artistas.

Se o ideal é alguma coisa, intangivel e sobrenatural, que reside n'um mundo mysterioso e affastado, onde vive a chimera e o sonho, nas regiões nebulosas do incognoscivel, inacessiveis á observação do homem, então, francamente o confessamos, o naturalismo não tem ideal.

N'este caso, porém, seja-nos licito perguntar; o que é esse ideal vago e mysterioso, inacessivel e inconsistente, que fica mudo e collocado perante a observação interrogadora do artista; senão uma concepção chimerica de espiritos desnorteados e pervertidos, arrebatados na vertigem estonteadora das transcendencias methaphysicas?

Pode ser a concepção extravagante e doentia de cerebros febricitantes e mal disciplinados, mas não será jámais a forte e fecunda inspiração d'um artista esse ideal incomprehensivel, que, vós outros, melancholicos idealistas, amparaes contra as salutaes correntes da sciencia e do bom senso.

Pela devoção e entusiasmo, com que, n'esta hora alta da sciencia positiva, andaes evangelizando o ideal phantastico gerado pela allucinação do vosso cerebro desequilibrado, fazeis lembrar os ingenuos e obceados sacerdotes d'uma religião morta, piedosamente ajoelhados diante dos altares vãos e apagados d'onde a mão irreverente dos reformadores sacrilegamente arrancou os idolos do vosso culto.

Vós sois realmente os paladinos d'uma crença extincta, que inutilmente procuraes manter na consciencia da humanidade, renovando no seu criterio, e estimulada por necessidades que vossa doutrina esteril não pode satisfazer.

A esse ideal, indefinido e incoercivel, involto na bruma do mysterio, immobilizado nas regiões ignotas do absoluto, oppõe o naturalismo a concepção positiva da perfeição progressiva da humanidade, e das gradações successivas da evolução da natureza.

O ideal, segundo o dogma naturalista, é um termo, ainda não realiado, mas já previsto pela sciencia, da escala infinita dos progressos que pela lei da evolução, hão de ir gradualmente accrescentando o capital de civilização, conquistado pelo esforço humano, n'uma lucta heroica, sem treguas, nem repouso.

(Continúa.)

SERRAS DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.
VAE ENTRAR NO PRELO

A MOSCA

SEMANARIO ILLUSTRADO
Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS. — SEMESTRE, 500 RS. — ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO — 20 réis
Correspondencia — dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

UNIVERSO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Livraria Campos — Rua Augusta

LISBOA

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e aceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrencia das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

ESPECTACULOS

THEATRO CONIMBRICENSE

Domingo 27

O SANTO ANTONIO

Principia ás 8 horas e meia

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que mandaremos proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 6.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA — Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA — Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª — rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM — Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista.

BRAGA — Kiosque Gonçalves.

VIZEU — Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ — Costa & C.ª

— largo do Carvão.

THOMAR — Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES — Antonio Francisco Salgueiro.

COIMBRA — IMPRESA INDEPENDENCIA

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras recebendo-se um exemplar

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Coimbra
Coimbricense

ASSIGNATURAS

Por semestre...
Por trimestre...
Avulso.....

Redacção e Administração, rua do Coto vello, n.º 2.



ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SALAMANDRA

NUMERO 6

COIMBRA, 5 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUPADAS

3 DE MAIO

FIGURAS DE COIMBRA

IV

O ENGRAIXADOR

Cá fóra o vento tem assobios selvagens de monstro fabuloso, e a chuva vem pelo ar colerica, furiosa, até quebrar-se nas paredes dos predios muito monotonos, todos tristes, nas suas janellas cuidadosamente fechadas.

No quarto o desarranjo habitual, estroina, d'uma casa d'estudante.

Na cama o calor consolador, fagueiro das lãs, bocejos d'aborrecimento, a sebenta ao lado cahida, a luz do candieiro a morrer na agonia lenta d'um morrão de cheiros activos, a saturar o meio de venenos lentos.

A servente viera horas antes á porta no cumprimento d'ordens recebidas e batera rijo; —que se erguesse, o senhor doutor, que d'ahi a pouco estava a tocar o sino da aula.

E então ao cerebro do pobre vinham ideias tristes, lembranças das ferias, palpites de feriado, desejos de formatura. Ao ouvir a saraivada quebrar-se nos vidros tinha arripios de frio e pensando alto, cheio de receios: —o que lá irá na rua Larga. Concluindo com desespero: —que levasse o diabo aquella vida.

Então cá em baixo á porta da rua a voz aflautada do sapateiro: —calçado, senhor doutor.

E o garoto entra; calças rasgadas nos joelhos, camisa sem botões, cara da côr das mãos, mãos da côr da graixa, escovas

debaixo do braço, bonet de panno ao lado cahido sobre a orelha, resto de cigarro ao canto do beiço, sorrisos d'escarneo, e para o estudante encolhido na cama: —que matasse o bixo e veria como enrijava.

Nunca tem mais de 12 annos, falla de tudo, é sempre um echo fiel dos cavacos em casa do mestre quando se abre o congresso do estudante visinho, o barbeiro da esquina, e o regedor do bairro.

Tem por isso conhecimentos especiaes, apreciações extravagantes quando se trata dos personagens d'este meio. —Que não ha feriados, que o anno corre mal, que o doutor fulano *sabe* deputado, que a engommadeira da Trindade fugiu para um estudante, que a outra já não recebe mesada — são novidades que elle traz pela manhã ao estudante, que as saboreia muito escondido na roupa da cama, distrabindo o espirito, afugentando nostalgias teimosas.

Em dia de feriado inesperado quando a cabra de manhã deixou de tocar, entra triumphante cheio d'alegria, e felicitando: —que por aquella não esperava o senhor doutor, que pechincha, que alegrão. —E repentinamente, todo interesseiro, pergunta: —senão merece dez reisinhos n'aquelle dia de festa? —Se os apanha, dá vivas á causa do feriado ainda que ella fosse a morte de pessoa illustre; e com ares estroinas, bonet ao ar: —que morressem todos, que os levasse o diabo; feriado para ali é que se queria.

Emquanto procura as botas vae armazenando no bolso esbeiçado do colete pontas de cigarro, perdidas pelo quarto,

muito chupadas, annunciando na sua ultima redução o fim do mez.

O engraixador é tambem homem para uma empreza arriscada, perigosa em questões dificeis d'amores de tricana: leva o recadinho para a entrevista nocturna, faz denuncias d'infidelidades; mas se lhe não pagam, no meio da rua, á passagem da rapariga, grita em voz alta: —que lá vae ella, a gaja da noite passada; aos Arcos... hein...

E com as reticencias faz curiosos que lhe pagam para elle dizer o resto.

Indifferentista, encolhendo os hombros ao recolher do dinheiro: —que se importa, o que elle quer é *arame*.

Aos domingos de tarde passeia na Estrada da Beira e á noite á porta do theatro pede a *senhasinha* a todos os espectadores, até que entra por lim.

Andam no goso — como elle diz no outro dia aos companheiros.

Escutando a leitura d'este perfil a minha servente com um olhar malicioso, um sorriso muito intencional, bateu-me de vagar no hombro, e ao meu ouvido: —que ain la vivia d'outra industria o engraixador. —E ella que o diz é porque o sabe.

SALAMANDRA

CÁ PELO BURGO

A' hora a que começo a rabis-car estas tiras de papel, que tenho diante de mim, um jorro de sol inunda atrevidamente o meu

desguarnecido e pobre quarto de estudante com pequena me-zada, illuminando-o amplamente d'uma luz clara e alegre.

E' um sol como ha muito tempo por cá não apparece; tem andado envolvido em roupagens negras e espessas que lhe occultam o brilho; mas hoje afastou todos os envolucros que o occultavam, e mostrou-se nos em toda a expansão da sua magestade e opulencia.

Quiz ser amavel para com a humanidade e tambem para com o mez que agora principia.

E' hoje o primeiro de maio; no dia em que os leitores passarem a vista sobre o que eu agora escrevo, será já o dia tres.

Convinha agora fazer aqui um bocado de estylo sobre o mez de maio. Eu não estou com disposições para isso.

Na minha provincia, no dia 1 d'este mez formosissimo, ha um costume original — *tirar o maio*. Os rapazes da terra junctam-se de manhã, um d'elles cobre-se de giestas e flores, e percorrem assim as ruas da terra, gritando alto: *maio, maio*. Das janellas atiram-lhes confeitos, amendoas, dinheiro.

E' pittoresco. Não sei a origem d'este costume; nunca fui muito inclinado a procurar nas sombras do passado as origens dos costumes que ainda hoje se conservam.

E' provavel que aquillo venha dos arabes ou godos, se é que elles alguma vez habitaram aquellas paragens.

Mando isto para averiguações á paciencia do Senhor Theophilo Braga.

Coimbra no mesmo estado. Houve aulas á quinta-feira, o que foi uma soberba espiga.

Na terça foi dia de gala. Um feriado que veio do ceu aos trambolhões. Manifestações de regosijo, as do costume: bandeiras na torre da Universidade e paços do concelho, repiques de sino ao meio dia, e illuminação á noite nos edificios mencionados. A respeito de foguetes, o municipio abanou a cabeça e disse que não estava para ver o dinheiro a arder, e a respeito de musica fez o mesmo movimento e—que já não vivia de cantigas, desde que as philarmonicas, por bufarem meia duzia de semi-fuzas por os canudos de metal, querem coiro e cabelo.

E' caso para se dizer com uma velha da minha terra, que por os mordomos de S. João não estarem para gastar dinheiro na festa do dito Santo, dizia altamente escamada: «Ha oitenta annos que sou gente e não me lembra coisa assim; todos os annos o Sr. S. João (tratava-o assim) tinha uma missinha cantada e fogo preso de vespera; mas este anno, nem um foguetinho nem uma gaitinha.

—No domingo houve festa em S. Justa e espectáculo no circo á noite, com o *Sancto Antonio*.

Um pires de arroz doce, aquelle *Sancto Antonio*. Pode-se vir de longe para ver aquillo.

Ha uma scena em que o frade crnzio préga ás turbas juncto á praia. O povinho em todo o caso faz-lhe o seu bocado de be-xiga e chama-o intrujão; o homem escama-se, e vira-se para o mar, exclamando:

—Vinde a mim habitantes do mar, já que os homens me cobrem de improperios.

Ora a peça manda que, á superficie das ondas appareçam uns peixes, a escutarem de olho arregalado, a predica de frei Antonio.

O mecanismo que faz apparecer os peixes são uns simples cordões por que se puxa no momento conveniente.

Mas d'esta vez o machinista do theatro ou antes o frei pregador estava com pouca sorte, porque logo que elle requisitou a presença dos habitantes do mar, elles deviam apparecer porque era da peça, e não appareceram á primeira.

Elle bem dizia vinde a mim habitantes do mar;—mas elles, *moita, carrasco!*

Em fim os cordões desemperaram e á terceira vez os habitantes do mar deitaram a cabeceira de fóra.

Um pires de arroz doce, aquelle *Sancto Antonio*; pode-se vir de longe...

SÁ RAIVA.

TRES CARTAS

No collegio das Orphãs era a Rosita distincta, muito estimada. Olhos castanhos num fundo azulado, labios vermelhos, a pelle rosada e fina, emfim inexcedivel no gracioso do gesto, conseguira ella no pequeno fardo dos quinze annos, quatro dos quaes passara alli, amontoar demasiada hypocrisia com que illudia as mestras, fazendo assim a inveja das companheiras, que no pouco franquez de collegiaes a appellidavam: *bijou des maitresses*.

Diabolica, a rapariga.

Com estas sympathias contara sempre para o seu projecto arriscado.—Se a descobrissem...

Uma noite clara, fervendo-lhe a alma num romanticismo creancola, e sorrindo á sua pose galante de trajos menores, levantou-se da cama, muito devagar, leve como um ladrão, tomando pelo dormitorio silencioso e extenso, depois ao longo do corredor, direita á janella do fundo, que dava para a rua.

Fóra, esperava-a o namorado—o Arthur, rapaz de dezoito annos, cabellos loiros, alto, nervoso e timido, que se armara até os dentes para aquella aventura.

—Se lhes parece... á primeira.

Patrulhas, passando, incommodavam-no seriamente, com passos vagarosos, d'uma monotonia grave.

—Poderiam perguntar-lhe que fazia alli, a deshoras, pedir-lhe explicações, prendel-o; e depois, que vergonha!

E collava-se á parede da casa fronteira, como quem tem medo, navalha aberta, de boas mollas, quasi occulta na manga esquerda do paletot verde-negro.

A lua, por um ceu d'estrellas limpidas, muito branca, ia ganhando o caminho tristonho da sua orbita, no apogeu d'um brilho melancholico, face cortada em

arco, fazendo lembrar as barcas do Mondego sobre as aguas tranquillias.

De repente, no vão escuro do corredor assomou o rosto delicioso da Rosita, que fazia alvejar, atravez a vidraça, as rendas da camisa bordada, toda nova e fresca, apetedendo.

Um leve aceno, erguida a janella a meio, pactuou entre os dois cavaco animado, em que espiraes de beijos, lançados nas pontas dos dedos, labios em bico, bocca a bocca, se enroscavam no fluido magnetico dos seus olhares.

Depois, promessas, juramentos, heroismos, planos de fuga—traços de romanees phantastica—soberbamente desenhados nas paginas febris dos livros do sr. Camillo.

Vieram as ferias. Aquelles amores haviam avolumado mutuos affectos, nas entrevistas nocturnas, passadas a gargarejo de phrases delicadas, da rua para a janella, até á vespera da partida de Rosa em que o tutor—um burguez serio, d'idade avancada, viera buscal-a para não mais voltar ao collegio,

E nas despedidas:

—Que a pequena casaria breve,—segredara o velho á directora, cofiando o seu bigode grisalho, esmeradamente tratado e limpo.

Como nas Orphãs, era Rozita a querida da aldeia. Amigas visitaram-na á chegada.

—Que estava uma mulher—affirmavam conscienciosas—vinha gorda, boas cores; tinham-lhe feito bem os ares da cidade, não havia duvida; e affogavam-na com beijos, soffregos de faces finas.

E logo o segredo do casamento foi trahido pela Amelia Costa, morena d'olhos negros, muito provocadores, que ha tempos desnudavam, desejosos, as carnes do brasileiro do Estrado—o escolhido para a pupilla.

A collegial achou confidente na Amelia; e ambas, no leito de pau rosa, cerrado a cortinas azues cretone-luxo, abraçadas languidamente e á vontade, troçavam o do Estrado, varias vezes:

—Que pança! Um homem que não trata senão de burros.

—E então lembraste? hontem quando fallava contigo no parque, não reparaste? desenhava com a bengala a cabeça d'um ginete...

—Que bruto, concluia a Rosita, e quer casar commigo, não quero, não quero.

—E a Costa reflectidamente: —Fazes bem menina, olha, escreve ao Arthur, que venha, elle ha de livrar-te...

Dois mezes depois, as duas amigas eram rivaes declaradas. Não se fallava n'outra cousa. Houve até uma scena de pugilato, em que a Amelia *apanhou*. Poucas vergonhas...

E num dia de Agosto, azul claro, sol esplendido, d'uma bondade grandiosa, o brasileiro e a orphã, a gosto do velho tutor balbuciavam o *sim* matrimonial sob a estola do cura que lhes sorria maliciosamente.

Arthur não fora esquecido; soube do caso e planeou um adulterio.

Ella dizia-lhe 'numa carta: «Podes vir, temos dinheiro. Meu marido, é um asno perfeito. Tua sempre...»

A casa dos noivos de apparencia rica, partia com jardins formosissimos, construidos a capricho, com ruas de ramagens frescas, tapetes de relva e espaldares de hera miuda.

E em quanto os criados resonavam no linho grosso dos lençoes, e o brasileiro percorria as Feiras Novas 'numa felicidade completa, Rosa e Arthur esmagavam um canteiro de violetas, corpos unidos peito a peito, doidos d'amôr e de luxuria...

Passado dias, entrava o Estrado em casa, 'numa cadeirinha. Vinha muito doente: havia cahido d'um cavallo e partira um braço. O coração da esposa pulava então com força; sentia para o marido a gradação d'um odio immenso.—Se elle morresse...

E num tom canalha, de mulher baixa, escrevia ao amante:

—«Deves saber do acontecido. O homem está de cama. Levanta as pernas de maneira, que parece ter azougue na cabeça. Não admira, *pesa-lhe*...»

Esta carta produziu 'nelle más disposições: começou tambem de

abborrecer a amante.—Demais, já se rosnava muito na freguezia...

E respondendo, grosseiro como um soldado:

«Apparecerei cedo, vá lá!

Sempre quero ver esse alarve pinchar como um *fantoche inglez.*»

ANTONIO FOGAÇA.

CHRONICA DO PORTO

I

PAIZ DA TRIPA, 1 DE MAIO DE 1884.

Coimbra em Fralda, a garota, voltou, trazendo cada vez mais largo o decote da camisinha, onde ha alvuras de renda fina.

E com meiguices muito ter-

nas pede-nos uma chronica do Porto: — que queria saber o que se fazia no Paiz da Tripa, o que diziam os burguezes, que queria rir-se d'elles, da sua falta de ideias...

O chronista vê-se embaraçado, porque a chronica não se dá por aqui muito bem, não gosta de viver entre burguezes, temes...

Não obstante, ella quiz fazer a vontade á *pequena*, e mandarlhe-ha contar todas as semanas, as novidades cá do Burgo.

Dará conta do que se passar todas as manhãs á porta do Freitas e Azevedo, antigo *rendez-vous* dos cidadãos de Tuy, disputado hoje pelos *dilettanti* do nosso *grand-monde*; escreverá a historia dos cafés, onde os burguezes discutem negocio, os janotas as bellezas d'um cavallo que viram descer a rua de Sauto Antonio e a elegancia da Lola que pisa com mais distincção o *trottoir*...

Entrará ás noites nos theatros e achando-os vasio, irá ao Circo ver os cavallinhos, onde o publico admira com riso idiota um Tony Grice, pintado a carmim e alvaiade, que ministra a hilariedade aos burguezes em doses de sensaboria, e, de volta, irá pelo Suisso, assestando sempre o seu lorgnon sobre os escandalos, não esquecendo d'ir espreitar maliciosamente os pequenos gabinetes reservados, forrados a setim, onde ha grandes gastos de champagne frappé e camarões e onde se ouvem estalinhos de beijos muito chilreados...

Nos domingos, depois de ter ouvido a missa na Trindade, não faltará ás *matinées* do Palacio de Chrystal, para ver as meninas espartilhadas, que exhibem *toilettes* novas, trocam olhares ternos com os namoros e ao passarem por elles entregam cartas escriptas em papel côr de rosa, com corações pintados, atravessados por settas e cercados de disticos em francez.

Irá tambem ás *soirées* particulares, onde a alta *gomme* mostra o bem talhado das suas casacas e a falta de senso commum que a domina.

E quando vier o tempo dos banhos, quando se abrirem os salões das praias, flanárá ella por Mathozinhos e pela Foz não

deixando nunca o club de Cadouços, nem a assembleia do Passeio Alegre.

Tambem entrará nos centros politicos, mas disfarçada, para que a não conheçam; com o lenço de renda perfumado com agua de Lubin por causa do mau cheiro.

Santo Deus o que por lá não irá: eloquencia misturada com rapé, rhetorica com golles d'agua fria!

E de tudo o que vir ella escreverá uma carta á *pequena*, em bom vellino, para que ella seria, ria muito dos bons burguezes do nosso Paiz da Tripa,

Já vêem que promette, promette muito até.

G. DE NARIACK JUNIOR.

NO GELO

É como as flores do norte, que vegetam d'entre o gelo, este amor que me inspiraste p'ra tão depressa esquecer-o.

E no entanto o pobre estende, como as flores infelizes, sobre o gelo dos teus olhos as delicadas raizes!

Coimbra, 1884. MARIO GIL.

ESBOÇOS DE CRITICA

O NATURALISMO

I

(Continuado do n.º 5)

Um notavel escriptor, e atilado critico exprime-se assim: — «Se o ideal é a ideia concebida pelo artista em communhão com a natureza, fielmente observada e assimilada no que tem de mais essencial e relevante, seguramente esse ideal, que, na expressão de Taine, nos conduz «não a uma ode, mas a uma lei, «realisa-o plenamente a formula «realista».

«A arte, invertendo no concreto o que é universal, incarna em uma forma esthetica o resultado d'uma observação fiel. Não aspira a corrigir a natureza, e a ensinar-lhe o que não soube fazer melhor; mas pode dar um desenvolvimento da mesma natureza pela antecipação do que virá a faser. É a sua

ALLEGROS

(A SANTOS MELLO)

Já cantam os pardaes no tremulo silvedo.
O vento mal agita os ramos do arvoredor...
D'aqui a pouco o sol reventará a flux,
N'uma larga explosão phantastica de luz!
As flores, entreabrindo as petalas vermelhas,
Esperam doidamente os beijos das abelhas...
A Natureza ri. Vestiu-se de mil côres,
Lançou por toda a parte alluviões de flores
E tapetou de relva os muros e os caminhos;
Depois, instrumentou a musica dos ninhos,
Sorriu alegremente, e prepara-se agora
Para comprimentar Sua Excellencia—a Aurora!

* * *

Que soberbo este ceu profundo e transparente!
Como se alarga o azul sincera, francamente!
Nada lhe vem manchar a ideal pureza...
—Olha p'ra baixo, vê. Batalha a Natureza
No meio d'esta vida e d'estes esplendores!
Ha perfumes no ar, e pelo campo flores...
Que soberbo vigor a Natureza esbanja,
Às horas em que o sol põe tintas de laranja
Na fimbria do horisonte, e doira as cumiadas!
Gosto de vêr, então, as arvores banhadas
De luz, erguendo aos ceus os formidaveis pulsos
Onde se ouvem tremer os canticos convulsos
Que solta a passarada em graciosa orgia...
Sinto não sei o que, quando rebenta o dia,
Opulento de luz e vida e primavera...
E rio-me de vêr a seriedade austera
Com que passam no campo os pachorrentos bois,
Entre a planicie em flor e a voz dos rouxinões,
No meio virginal d'esta alegria toda,
Lançando friamente o seu olhar em roda...
Vae chegar Sua Alteza—o Sol. Eil-o, rebenta;
Começa a levantar a palpebra sangrenta
Na franja do horisonte; e vae-se descobrindo:
Parece-me um vulcão que irrompe e vae abrindo
As entranhas da serra! Adoro esta alegria
Que palpita no campo, ao despontar do dia,
N'um ceu tranquillo e bom, por onde o sol desata
Jorros de fogo e oiro em longa catarata!

* * *

É por isso que, mal vem reventando a aurora,
Uberrima de luz, de vida e de pureza,
Salto do leito e vou, pelas campinas fóra,
Comprimentar, sorrindo, a mãe—a Natureza...

SIL VESTRE FALCÃO.

«evolução latente manifestada pela obra d'arte. (1)

Nada existe absoluto, immutavel; tudo se transforma e modifica, segundo uma lei fatal inevitavel.

O naturalismo, que na evolução da arte reflecte a phrase experimental da sciencia, não pode por isso aceitar um ideal absoluto, e por tanto irrealisavel.

A noção do bello, transcendente e absoluto da escola methaphysica não pode nunca servir de base á esthetica do realismo, que é essencialmente experimental, e consequentemente relativa.

O realismo inspira-se no estudo positivo das realidades vivas e palpitantes, na observação rigorosa da natureza e do ser humano.

A' galeria de typos, correctamente esculpturados na attitudo convencional, verdadeiros *marionettes*, agitados num simulacro de vida e paixão pela mão do artista; a essa exposição de creações imaginarias artificiaes, á gloria, á riqueza, ao movimento realisado pela escola romantica, contrapõe o naturalismo a serie de poderosos estudos, vibrantes de verdade e vida, irrecusaveis documentos humanos, lucidamente observados, nitidamente expostos pela pleiade gloriosa de artistas, que começa em Balzac, continua com Zola, e acaba com Eça Queiroz um escriptor notavel na moderno litteratura da Europa.

Não são heroes de marmore, estatuas primorosamente cinzeladas, d'uma correcção muda e fria; nem automatos, que se movem e gesticulam, segundo normas impostas pela phantasia caprichosa do artista.

São figuras humanas, verdadeiros homens de carne e osso: tem musculos e nervos, sangue e vida. São corações: olhos, que choram, labios, que riem e fallam, almas que amam e odeiam, como toda a gente pensa e canta soffre e gosa, odeia e ama. São vivos, e intelligentes, embalados na ondulação suave dos bons affectos, ou precipitados na agitação tempestuosa de paixões revoltas como a nature-

za os produziu; e vivem e actuam sociedade, sob o imperio das circunstancias complexas, organicas e exteriores, que lhes formam o character, e determinam a acção.

Todo o esforço da propaganda naturalista tem sido applicado e dirigido no sentido de estabelecer, e faser aceitar a verdade, como principio fundamental da arte, e a natureza, como a mais forte e fecunda inspiração do artista.

Num livro de critica, impetuoso, brilhante, e fortemente argumentado, affirma Zola que todas as velhas escolas litterarias acceitaram, como fundamento, o principio seguro, que a natureza era imperfeita, e tentaram corrigil-a; que a verdade era indigna e procuraram disfarçal-a.

Dahi' nesse carnaval permanente, a que temos assistido; variam os *toilettes*, mas continua a mascarada da natureza e da verdade, dirigida agora pelos classicos, e logo pelos romanticos.

Chegam emfim os naturalistas e dizem corajorosamente que a verdade é bella, principalmente no esplendor da sua nudez.

Foi o grito da revolução.

Certamente os naturalistas tem razão, quando affirmam, que a poesia está em tudo, mais ainda no presente e na realidade do que no passado, e na abstracção.

Todo o facto tem um aspecto de belleza e algum traço de poesia. Pôr em evidencia esse aspecto é o empenho da arte realista.

Que pretende pois o naturalismo?

Uma coisa apenas—bem simples de comprehender, e bem difficil de executar: substituir as creações emphaticas e rhetoricas da formula romantica pela singela verdade da figura humana, fielmente observada na faina quotidiana da sua vida social surprehendida e photographada no exercicio livre e despreoccupado da sua acticidade, sem pose nem artificio. Menos estllo e mais verdade; menos phantasia e mais observação.

Pode com verdade diser-se, que a formula realista não tem ideal, e reduz a arte a uma servil imitação da natureza?

Só o pode affirmar quem não tiver uma comprehensão bem nítida do novo dogma artistico.

J. SERRAS DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO 100
PELO CORREIO 110

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J. L. da Costa editor—Coimbra

PREÇO 400 réis

UNIVERSO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Livraria Campos—Rua Augusta

LISBOA

A MOSCA

SEMENARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE,
500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Correspondencia—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.
Redacção e administração, rua do mirante n.º 9—Porto.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e acceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas. A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

ESPECTACULOS

THEATRO ACADEMICO

Quarta feira 7 de maio

RECITA DOS QUINTANISTAS

THEATRO DE LUIZ 1.º

Hoje sabbado 3 de maio

BENEFICIO

CASAR PARA MORRER, COMEDIA
EM 2 ACTOS

Uma praça da reserva

SCENA COMICA

CABELLEIRA DA MINHA MULHAR

Comedia em 1.º acto

THEATRO DE D. LUIZ

QUITA-FEIRA 8 DE MAIO

No Paiz das Arrufadas

REVISTA DO ANNO DE 1883

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinho—14

Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda e Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que mandaremos proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 6.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista.

BRAGA—Kiosque Gonçalves, VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos,

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

(1) Revista de Estudos Livres n.º 3.

Coimbra
Rua S. do Espírito Santo

PUBLICAÇÕES
Annunciam-se as obras acompanhando-se um exemplar recuado por fim de toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador.

quando a visita de som-
receiving-se um, recua, adel-
exemplar rece por fim
dade que a
compri-
de

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SALAMANDRA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre.. 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração, rua do Coto-
vello, n.º 2.

NUMERO 7

COIMBRA, 40 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

PAIZ DAS ARRUFADAS

9 DE MAIO

Já não foi cedo. O bom sol vivificador, veio como um excellento tonico fortalecer os pulmões da humanidade, e a seiva das plantas..

D'ahi longos passeios, campinas fóra, merendas frugaes á beira dos rios, na frescura das areias; e elles, os arvoredos, enramalhetando-se todos para agradecer a visita, muito reconhecidos, cheios de coquettismo nos aromas finos dos seus frasquinhos de petal-
las.

— *Ora vivam seus velhos* — disse-lhes hontem um melro, ao encaral-os, no meio de dois assobios garotos, quando as nuvens caíram como cortina-
dos abertos no fundo do hori-
zonte, deixando romper o sol, que mostrou repentinamente, como 'num quadro de magica, a boa natureza alegre e activa 'nestes tempos da sua maior tarefa productora. Fomos tambem deixar-lhe o nosso cartão cumprimentando sinceramente, com o espirito cheio de saudade.

A nossa visita era feita especialmente á arvore do ponto; uma velha amiga que ha dois seculos está para ahi a cobrir-se de flores, a sorrir de frescuras, quando reverdecem tambem esperanças, e alegrias em corações generosos como o d'ella.

Cada geração de bachareis que parte deixa nas paginas

do livro das suas recordações um pedaço que lhe dedica.

Quando o Maio apparece risonho e florido, a nossa velha veste o fato rico das suas verduras, enche de flores as ramadas, annuncia o fim do anno e o termo das aulas como diz a lenda academica com a sua auctoridade de largos annos, e a sua feição d'uma sympathia insinuante.

Bem vinda sejas, querida amiga; *Coimbra em Fralda* aperta-te a mão e espanca as saudades, que lhe atormentavam o espirito.

Mas nem tudo nos sorri esperando-nos com galas no fim do caminho. Emquanto no jardim as arvores abrem as flores para nos fazerem tapetes de petal-
las e coróas de folhodo, festejando a realisação das nossas esperanças; na camara dos deputados, que não é precisamente um jardim, o sr. D. José de Saldanha, que não é precisamente uma flor, tenta prolongar-nos a estrada, afastar-nos a meta. Uma rudeza a crueldade do illustre deputado, dizem as ignorantes.

— Quer S. Ex.^a 'num projecto que apresentou ao parlamento — que os bachareis em direito frequentem a cadeira d'agricultura na faculdade de philosophia!

Todos reconhecidos vimos trazer ao sr. D. José de Saldanha os nossos agradecimentos.

Na pratica da sua vida S. Ex.^a conheceu a falta que lhe

tem feito o estudo da agricultura, e d'ahi a sua falta de pericia na cultura da batata nacional. . .

Beijamos-lhes as mãos, ex.^{mo} sr. . .

SALAMANDRA

O PORTO DECADENTE

(Notas da Invicta)

Querida devassa:—Ao longo das campinas a natureza entoa o grande festival da primavera: ha saude: e ha côr; as varzeas embalsamam-se, a alvorada sorri, nas folhas tremulas das urzes as gottas de orvalho têm tons prismaticos, o sol põe sobre os campos um manto tepido de luz, e ao longe, as florestas, como leões indomitos, sacodem ao ar a densa juba verde dos seus ramos.

Meu Deus! como isto alegre! Como isto revigora!

Por estes primeiros dias azues de primavera, minha deliciosa pequena, debes estar provocante. A tua carne alvissima, onde a intumescencia leve das veias serpenteia como uma revelação de saude, deve cheirar espantosamente bem, e deve ter a frescura das ultimas camelias brancas que principiam a murchar, e a terna delicadeza das flores do campo, que desabrocham agora ao ar oxigenado e puro. Adoraval *mignone*, depois da ausencia que tiveste e durante a qual andaste entregue talvez a alguma bucolica pueril, cré que é uma loucura ver-te sobre a minha meza de trabalho, sentada petulantemente sobre a *Nana*, as tuas grossas pernas bamboleando, e os teus braços nus

e fortes, promettedores de mil delicias quentes, á roda do meu pescoço, enquanto o teu seiosinho palpita, peccador e casto... Mas tu olhas-me de um modo novo, e se eu não conhecesse as boas notas do teu *livro*, eu diria que com esse sorriso que é um abysmo, e com esses olhos, que se defazem como *bonbons* de neve, que me querias pregar alguma. Eu bem sei o que tu queres, travessa, vens pedir-me uma chronica do Porto, e—ai!—por este tempo de calvicie intellectual e de bigodes pintados, nem eu sei o que será de mim! Nosso Senhor da rua dos Caldeireiros, Virgem Santissima das Congostas!

* * *

Chronica! Nem tu sabes que desalento atroz escorre pela minha penna; cada palavra é escripta com o fel da amargura, e é mais duro procurar duas ideias que pizar o frio camiubo tenebroso do Calvario. Se tu conhecesses a longa apathia que se estende sobre este velho burgo desde o Bomfim até á Foz, e desde a Ribeira até Paranhos, tu que te reclinas nas quenturas de molles ottomanas, que matas o tempo que tens de vago entre o ultimo beijo de um bacharel e a primeira ternura de um collegial indomito, olhando para as doces pastagens do Mondego e para as sombras do Choupal—pagarias este penoso trabalho com a mais rica das tuas delicias, uma d'aquellas que tu guardas escondida no cofre cinzelado dos teus prazeres.

Depois que foi embora o Castanet, depois que deixou de ser moda olhar para o ar á procura de balões, o-ceu de sensaboria

que pende sobre esta cidade deixou cair a chuva fina da hypochondria. Estamos molhados até aos ossos. E se não fosse duas bellas mulheres que neste momento arrancam lyrismos aos jornalistas baratos e fazem pulsar de antigo amor o coração dos burguezes, a chronica teria apenas a registar o fallecimento de um brasileiro rico e de um cão morto pelo bolo municipal. Essas mulheres são, querida amiga, duas esplendidas pequenas, verdadeiramente gregas pela correção de formas: Katarinodar, e Olga, e suprema ironia são equilibristas.

Fôra d'isto a mesma vida intellectual e a mesma vida das ruas; nem mais uma *cocotte* nem mais um poeta. O cair das tardes que é aqui tão especial, tem o mesmo aspecto de ha muito: os mesmos typos pelas ruas; ás portas dos caffè os *desoenvrés* habituaes. Pela rua de Santo Antonio acima, ao accender das *montres*, costureiras sobem, das Ferrins e da Carolina, chilriando muito, risinhos abafados e um cheiro a alfazema das saias sujas de suor; então na subida vagarosa param defronte das joias do Montinho e deante da reverberação dos topasios e da embriaguez das opalas que desmaiam, sentem nojo pelos amantes pelintras, e nutrem desejos de brasileiros endinheirados, capazes de prodigalidades e de pedidos exóticos... Então no meio d'aquella *cohue* de multidão doente, das escadas do Principe Real sahem gritos afflictivos do realejo do Ramiro, das figuras de cera, emquanto sob as bandeiras de chita e os cartazes mirabulantes, um paria distribue prospectos e vae dizendo, baixo, a voz avinhada, tresandando o cigarro brejeiro:—Ha gabinete reservado para homens, cousa chic...

Mais acima, á Batalha, grupos de politicos somnolentos á porta da Agua d'Ouro, e sob as australias do largo, pontas luminosas de charutos, emquanto que para os lados da Sé guitarras de fadistas choramingam, e J'aquelle negro abysmo de vielas vem um cheiro aziomado de fritangandas baratas e barulho de cantigas canalhas, um vago ruido de bairro prostituido e porco. Descendo á Praça Nova alguns perfis qu'ridos; em fren-

te ao Suisso o busto de Emygdio de Oliveira, sereno e forte.

Lopes Teixeira que devaneia á porta do Camanho, e alguns *blagueurs* conhecidos. A's vezes, vê-se discutindo a face alegre do Padre Brandão, e Joaquim de Araujo passa apressado, como um illuminado, com o seu volume de jornaes, e alguma novidade litteraria. Depois então é Xavier Pinheiro, esguio no seu *ulster* inglez ao lado de Antonio Nobre, um moço talentoso, perfil vago de arabe abstrato, que caminha para o mundo das chiméras...

Então a tarde cahe. O Suisso enche-se de gente: joga-se dominó e falla-se em conquistas. No Lisbonense apparece o typo do estudante pandego, do litterato, e alguns artistas novos.

* * *

Uma noticia triste. Eduardo Coimbra poeta, gentilissimo espirito, e um dos melhores talentos que apparecem, está perigosamente enfermo. Esta noticia triste coincide fatalmente com a nova da breve apparição do seu livro *Dispersos*, prompto de impressão. Ante a natureza que se enflora, e da sua brilhante estreia litteraria o seu coração joven e bom parece mergulhar nos crepusculares da dôr.

Elle está luctando com a morte, em S. Roque da Lameira, um pequeno trecho de paizagem rude, a dous passos das barreiras.

Elle amava tanto a natureza, que é impossivel que ella não dê n'um d'aquelles seus enormes beijos castos, um sopro de vida ao corpo do poeta, desolado e triste!

JOÃO DATROÇA.

NA LUSA...

Uma semana cheia como um ovo!

Logo no primeiro dia por uma manhã d'inverno, quando a chuva cabia miudinha mettendose no fato traiçoeiramente, e o vento nos assobiava aos ouvidos pondo frieiras nos respectivos pavilhões, atravessava a minha rua uma boa velha de cabelleira postiça, vestidos de seda antiga, ventre alto, cabellinhos na ven-

ta e respectivo beijo, perge não do pelo viseu sem-cerimoniosos que encontrava...

O viseu era simples, lyceu onde a boa velha tineto a fazer exame primario.

Os exames, que trouxeram a pobre velhita, arrastaram tambem até aqui uma rica... uma riquissima colleção de mestres escôlas com as casacas habituaes de cores esverdeadas, abas compridas, faltas de botões; e meninos anemicos sem vigor nem sciencia provando evidentemente a pobreza do sangue das nossas gerações e a falta de saber dos nossos mestres.

Depois d'elles os procuradores á junta—velhos bachareis de sobrecasaca preta, calça com o vinco da dobra antiga, altura de chapéu de seda, o seu discurso no calor da sessão, o seu beef no caminho de ferro e á tarde passeios pelo caes—muito transformado, muito outro—como elles diziam aos estudantes patricios que os acompanhavam. E depois regateios teimosos nas compras das arrufadas—para a sua serva de Deus que recommendou muito a lembrança á porta da rua, no fim do ultimo abraço.

E sorvendo pitadas, parando depois de 4 passos, no meio do grupo dos patricios, vão informando como era a cidade nos seus tempos.

Aqui ficava uma loja de sapateiro, alem um botequim, e fazendo-se estroinas, fingindo-se extravagantes—que boas pandegas n'aquella casa com as cachopas...

* * *

Mas isto não é tudo, o ultimo successo guardava-t'o eu, amavel leitora, (sim porque só uma grande amabilidade me pode dar leitoras) para o fim, como um bom bocado que se gosta de saborear no ultimo logar... A festa do anniversario da entrada dos liberaes na pacata Lusa. Uma festa digna d'elles, que merece os elogios dos da nova idéa e os odios de nós outros, bons pacatos que gostamos já de enfiar o barretinho d'algodão ás 10 da noite e fazer a primeira lavagem ás 9 da manhã quando o sol nos entra pela janella muito á vontade como um amigo intimo, que se trata sem cerimonia.

E temos para a festa a indignação da nossa colera porque

THEATRO que ella enthusiasma... r Martins de Carva...
Hoje sabbado dos lençoes, roudelicias d'um somno
BEN pela bocca dos seus

CASAR P sos morteiros de dyna... e outras materias de diabolica explosão. Mas serio, serio, V. Ex.^a, Senhora Policia, que prohibe aos trovadores cantos suaves, que fazem assomar aos balcões as damas em camisa, porque não prohibe a bomba e o zabumba patriotico?

Que mal fizemos nós a Deus para aturar o hymno da Carta?

V. Ex.^a de certo o explicará pelos processos de theorias extravagantes muito conhecidos de nós outros, que nos vamos propor á tarefa d'um estudo sobre a preciosa existencia de V. Ex.^a Á noite festa menos incommoda, coisa mais agradável—quatro decilitros d'azeite alimentando em toda a cidade a luminaria do enthusiasmo indigena!

Ágora digam que a semana não foi cheia como um ovo...

SALAMANDRA.

MORBIDEZZA

(RASCUNHOS)

A janella do meu quarto rasga para uma rua larga e silenciosa; em frente uma correnteza de predios expõe alegrias burguezas na caiação nitida das casas.

E' cedo ainda. O sol vae subindo lentamente na sua estrada elliptica; para toda a parte projecta em ondas esfericas raios de luz morna e frouxa.

Correm pelo ceu farrapos dispersos de nuvens lacteas, lembrando flocos de algodão em rama; nos intervallos d'estas veem-se aguadas levemente cérulas.

Por detraz dos telhados, para a banda norte da rua, esbate-se no firmamento uma espessa nodoa esmeraldina: são arvores do Choupal; mais ao longe no ultimo plano, sobrepujando os salgueiros, eleva-se em pyramide de larga base uma montanha côr de cinza desmaiada.

Na rua passa pouca gente. E o sol vae subindo lentamente na sua estrada.

A sua luz é agora potente, energica, febricitante. Os raios atiram-se com furia endiabrada pelo espaço fóra. Alguns incidem verticaes, de chofre, sobre o pa-

vimento da rua, occupando-a victoriosamente: uma tira de sombra que ao lado lhe acompanhava um dos passeios, recua, adelgaça-se e desaparece por fim absorvida na claridade que a persegue implacavel; o comprido rectangulo de toda a rua doirada, reluzente, brilho como aquelles grandes escudos dos heroes de Homero, feitos de ricas gemmas.

Outros encontrando as paredes das casas que lhes resistem na sua tranquilla opacidade ironica, reflectem-se, raivosos, fugindo para a athmosphera, onde poêm uma fulguração viva em cada atomo, uma iriação em cada particula.

Atravez do ether os jactos luminosos actuum com a maxima pujança, galhardamente; dissolvem as pequenas nuvens esbranquiçadas e tingem a abobada celeste por um azul de Prussia carregado e forte.

O calor abraza e suffoca. As frontarias pallidas dos edificios gottejam suor.

A rua é um deserto. A passada não chilrêa no arvoredos; recolhe-se na ramagem muito dentro, á cata da frescura e do amor

Nem uma folha d'arvore oscilla; apenas moscas—azas em vibração—, desenham no ar curvas emmaranhadas.

Chegam-me aos ouvidos as notas insipidas d'uma escala solfejada em piano preguiçoso.

A natureza dormita somnolenta.

Entretanto o sol—o incansavel deus—continua subindo lentamente na sua estrada elliptica.

Coimbra

JOSÉ JULIO FORBES

CAMAROTE

Na vida academica a praxe é tudo, e então respeita-se como uma lenda sagrada, guarda-se como uma lei inviolavel. Ha canelão porque manda a praxe, o lente não chama no 1.º dia porque manda a praxe, e até se apanha de vez em quando um r porque manda a praxe...

E' a praxe sempre, e é a praxe ainda que manda as gerações de bachareis despedirem-se de Coimbra dando uma recita no Theatro Academico. Encantadoras essas festas. Têm o ar sympathico d'uma despedida de familia, e a alegria sincera d'uma ultima estroiuice. Foi na quarta

feira a dos nossos contemporaneos. O theatro estava embalsado dos aromas de flores, que cercavam as pastas ricas de bordados finos—recordações intimas de pessoas queridas; nos camarotes caras sympathicas de boas mães sorrindo satisfeitas, dando á festa uma característica familiar, toda attrahente; nas galerias a nota completa d'este bom meio—serventes e engommadeiras rindo á larga das graças dos senhores doutores; no palco scenas boas, com *verve*, actores muito á vontade, actrizes elegantes, sem carmim nas faces nem algodão nas formas.

Compôz a peça Anthero Garcia, um bello rapaz cheio de intelligencia; a musica de Alfredo de Castro magnifica, e de certo teria sobresaído muito mais se os coros tivessem maior numero d'ensaios e se a distribuição dos papeis fosse outra.

Os applausos não faltaram, as chamadas foram repetidas aos auctores, e ensaiador—Alexandre Silva—um competente em assumptos scenicos. Recitaram poesias, Eduardo Araujo, Antonio Horta, Anthero Garcia.

Em resumo—uma d'essas esplendidas festas que levam sempre a saudade ao coração dos que se foram, e um desejo ardente aos que aneiam por partir.

Theatro de D. Luiz 1.º No sabado um grupo de rapazes artistas levaram á scena em beneficio d'um outro, que a doença arruina, duas bellas comedias cheias de graça e com um magnifico desempenho—Uma d'ellas tinha sido ha tempos assassinada n'aquelle mesmo palco por outra gente.

—Maria Costa, uma das primeiras curiosas dos theatros da Lusa disse bem e piza muito á vontade o palco que vae conhecendo. Santos e Ramalhetes têm os seus creditos feitos, e para o augmento d'elles concorreram poderosamente n'essa noite.

Alexandre Silva esplendido na sua scena comica.

Resta-nos fallar de Luiz Cardoso um sympathico trabalhador que n'aquella noite debutava. Manifestou por mais esta maneira a sua intelligencia.

Temos por este rapaz um profundo respeito, uma das nossas

maiores sympathias, bastava para isso a sua insinuante figura, se não soubessemos tambem que elle é o redactor, compositor e cremos que até impressor da *Officina*, um semanario que se sustenta na imprensa muito dignamente na defesa da classe operaria sem rhetoricas velhas, sem declamações balofas.

Na sexta feira recita pela So-

cidade Ensaio Dramaticos— a mesma coisa; no palco o Doria muito bem; nos camarotes as mesmas velhas dormindo e roendo rebuçados; os mesmos bebês pedindo agua e interrompendo o Gil Blaz... *Safardana*... com as choradeiras d'uma rabugem de dentes que vão furando...

SALAMANDRA.

ALLEGROS

SOB O AZUL

(A SANTOS MELLO)

Emquanto os brilhos do dia ferem a sombra dos prados, toando a velha harmonia dos vegetaes balouçados;

e o Sol, erguendo o seu braço, como um titan, por'hi fóra, dirige em meio do espaço as committivas da Aurora;

— na Vida, uns tons de surpresa, correndo as almas famintas... vão enterrando a molleza sobre saudades extinctas.

*
* *

Da luz ás notas primeiras, a carne então se renova; resaltam frescas roseiras dos oito palmos da cova.

E a Mente—um enthusiasmo immerso num sonho aereo—, chega a perder-se no spasma dos esplendores do Mysterio!...

Coimbra.

ANTONIO FOGAÇA.

A NOITE DO NOIVADO

Sabia-se que a Augusta alimentava relações intimas com o Soveral e que na ausencia d'este o caixeiro da esquina entrava escondidamente em casa da pequena, a levar-lhe mantas de seda que furtava ao patrão, laços d'uma enorme garridice, que ella pregava no chale, quando sahia.

A vizinhança commentando o caso:—Que não tinha sido mau o comportamento da pequena até aos quinze annos; que a mãe não lhe dava largas, mas que depois

que ella lhe morreu, sem deixar quem a substituísse, começou a namorar descaradamente uns e outros, a fazer escandalo.—E concluindo, gestos de escarneo: —Viu-se ás soltas...a estouvada... Que exemplos, que exemplos para nossas filhas!

*
* *

O Soveral não podia com grandes despesas. O ordenado de amanuense mal chegava para as pandegas; e então ceias de dezoito vintens no Godinho; de vez em quando um passeio de barco á Lapa, onde despejavam duas ou tres garrafas de vinho do

Olaio, por cima de meia duzia de sardinhas, fritas em casa, que ella levava cuidadosamente embrulhadas, e que sabiam muito bem 'naquelle sitio pittoresco; e alem d'isto um logar de geral, no circo, quando a recita era dos curiosos.

Ella principiava sentir-se aborrecida de tudo isto, e a tornar-se ambiciosa. Desejava muito mais. Queria salões adornados com objectos raros, que produzissem deslumbramentos nas pessoas que a visitassem; vestir-se *à grande* e mostrar nos enfeites joias caras, de modo que todos a olhassem 'numa incomparavel admiração; e depois . . . carroagem estofada de setim branco, puxada por vigorosos cavallos bem pretos, para contrastar com a côr dos estofos; dar na vista. Iria mostrar-se por essas ruas, sitios concorridos, fazer *ferro às mais* . . .

E um titulo? Ah! Um titulo sempre era uma honra. Que bom se casasse com um visconde! Como havia de ufanar-se quando nos passeios, ao vê-la passar n'uma altivez arrogante, dissessem:

—A viscondessa . . . de tal.

Que zanga para as amigas!

E muito contente de si:

—Que se tinham visto cousas mais difficeis; que não era muito para admirar que chegasse áquelle luxo.

E citava o exemplo d'uma actriz que em Lisboa casara com um *grande personagem*.

*

* * *

Como o Soveral não podia gastar muito, ella pensou:

—Que ia mudar de terra, mandar o Soveral ao diabo, o caixeiro e as mantas furtadas...

E mudou-se, abandonando a pelintrice dos dois . . .

Uma vez na sua nova casa, em terra onde não era conhecida, poz-se á janella com todos os seus enfeites baratos, e começou a indagar da vida dos rapazes que passavam; queria procurar fortuna.

O Pimenta gostou d'ella e deitou-lhe namoro, sem inquerir do seu modo de viver, desconhecendo completamente o meio vicioso que a tinha produzido.

Homem de quarenta annos, que passava por muito rico e

muito asno; grandes desejos de casar, mas ainda não tinha encontrado noiva, porque o apontavam como debochado, frequentador de lupanares e com muito gosto para variar . . .

Gostava de variar, o tratante!

—Costumes pessimos— diziam, quando se tratava d'elle.

A Augusta lembrou-se de que este homem podia satisfazer-lhe as ambições, e correspondeu. Desde então o namoro tornou-se escandaloso. Rapazes passavam fazendo troça do Pimenta; e mulheres, fingindo vergonha:

Que descaramento . . .

Fallar assim para a janella!

* * *

Dois mezes de namoro e fez-se o casamento.

Ah! a noite do noivado! Um logro para o Pimenta.

Uma bella partida, como se dizia no outro dia nos cavacos dos cafés.

* * *

Mais tarde, quando sabia noticia do casamento d'algum seu amigo, o Pimenta dizia 'numa grande desconsolação:

—Ah! a noite do noivado! . . .

G. M.

CARTEIRA

Os magnificos artigos de critica do nosso collaborador Serras da Conceição foram victimas das maiores diabruras typographicas. Perdeu-se o original e a revisão foi incompleta.

Vamos fazer-lhes uma nova publicação. Que o seu auctor nos desculpe como nós temos de desculpar o revisor.

Chronica do Porto que hoje publicamos é d'um elegante estilista, escriptor bem conhecido n'aquella cidade. Em nome dos nossos assignantes um aperto de mão ao João Datroça.

PUBLICAÇÕES

UNIVERSO ILLUSTRADO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Livraria Campos—Rua Augusta

LISBOA

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L. da Costa, editor—Coimbra

PREÇO 400 réis

CRYSTALISAÇÕES

DA

MORTE

POR

Eugenio de Castro

A' venda em todas as livrarias.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinho—14

'Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda* e *Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO 100

PELO CORREIO 110

Sabe na proxima semana.

A MOSCA

SEMANARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE, 500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Correspondencia—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9—Porto.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

'Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e acerto todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, re-latorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

ESPECTACULOS

THEATRO ACADEMICO

Hoje 10 de maio

COUSAS E LOUSAS

POR

Anthero Garcia

Musica d'A. Castro

(RECITA DO 5.º ANNO)

THEATRO DE D. LAIZ

DOMINGO 11 DE MAIO

No Paiz das Arrufadas

REVISTA DO ANNO DE 1883

POR

Solano d'Abreu

Mise-en-scene de Adelino Veiga.

MUSICA

POR

Augusto Paes

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que mandaremos proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 7.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio. Livraria Campos & C.ª—rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves.

VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida, FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª—largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO

deses
de alguma
lor, não admira
seja uma deusa.
ndouras porém
manidade esti-
as grandes
trabalho
ALAMANDRA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre... 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração, rua do Coto-
vello, n.º 2.

NUMERO 8

COIMBRA, 25 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

EXPEDIENTE

Pede-se aos senhores as-
signantes, que tencionam
sair de Coimbra, a fineza
de declararem a direcção
que se deve dar ao jornal.

PAIZ DAS ARRUPADAS

25 DE MAIO

CHRONICA

Na soberba pureza do azul
nem uma nuvem... Um deboche
d'azul, como diria Zola—o glorio-
so! Luz por toda a parte. A na-
tureza em festa sorrindo ampla-
mente, ao cimo das flôres e da
relva. Ondas potentes de vida
sobem, 'nesta hora adoravel da
manhã, pela ramaria virente das
florestas, inundando-a de seiva,
em quanto as aves espreguiçam
as azas da somnolencia d'uma
noite e o sol principia a entoar
no alto o seu primeiro canto de
gloria...

Triumphal em tudo, a prima-
vera.

Ella tinha andado arredia de
nós; fugira não sei para onde—
talvez para um paiz longinquo
em que a brutalidade fosse in-
mens violenta e o homem fosse
mais generoso.

Os noticiaristas fizeram côro;
desmancharam a sua attitude de
animaes inoffensivos, e 'numa su-
prema aspiração de triumpho,
muniram-se de injurias e nomes
feios, para lh'os atirar quando vol-
tasse— a desvergonhada! Pois
—ha de um poeta preparar os seus
alexandrinos mais opulentos, ves-
til-os de côr e de perfume, bu-
rilar a arabescos de phantasia
as redondilhas mais graciosas, á

espera que a sua namorada che-
gue, e quando os clarins a an-
nunciam, quando em toda a linha
se ouvem os primeiros canticos
de victoria, ella fugir voar para
longe, sem ao meuos lhe di-
zer *eu volto breve*. sem lhe lan-
çar um largo sorriso prommet-
tedor de beijos, de muitos be-
ijos?...

Supremo desespero!

E a primavera soffreu olym-
picamente as injurias dos prosa-
dores e as raivas concentradas
dos lyricos.

Sobre a sua pequenina figura
de fada foram poisar bandos d'i-
ronias, penetrantes como farpas
e brilhantes como um punhal de
prata.

Mas ella vingou-se, e vingou-
se bem.

'Numa das ultimas alvoradas,
appareceu largamente no cén,
illuminando as coisas e dando
às arvores *douches* de sol e de
grandeza... Com grinaldas de
rosas, encheu os campos de sons
e aromas, verteu pelos ninhos
pipillações d'um infinito amor.
subiu pelos galhos dos pinheiros
a entornar-lhes verde pelos bra-
ços, rimando versos encantadores
por sobre os vallados, e dirigin-
do, como um maestro sublime,
as variações que os reuxinoes
executam nos delicados violinos
das gargantas...

E é assim que, ao saudar mos
como rapazes agradecidos, estes
bellos dias de maio, risonhos e
claros, nos vara d'espanto todo
este sagrado esplendor que in-
nundou a terra—plantas que se
erguiam a Deus pedindo-lhe be-
ijos de luz, e animaes que viviam
ignorados no fundo escuro das
cavernas! Ficamos quedos deante
d'este magnifico terrôr; e em
nossa alma phantasia e scis-

madora passam, num galope
d'assombros, regiões selvagens,
cheias de sombras e de melros
vibrantes de bohemia e de pai-
xão...

Pois não é verdade — meus
queridos heroes das cançonetas
da alegria—que a natureza é
uma grande coisa e a primavera
um soberbo poema?

*
* *

'Nesta hora adoravel da ma-
nhã, em que toda a paisagem co-
meça a definir os contornos e a
aclerar-se, a minha visinha—uma
loirita impecavel a quem a mãe
trocou ha dias pela generosida-
de uberrina das vastas applicões
—solta atravez da janella, aberta
para o largo, pequenos triados
d'ave ferida, repassados d'uma
vaga tristeza melancholica...

E vem-me á lembrança, niti-
da e perfeita—como isto custa!
—a dor que 'neste momento apu-
nhala o coração d'um synpathi-
co rapaz, atacado em plena ju-
ventude e na soberba pujança
do seu valente espirito!

Meu grande amigo, a vida é
para os fortes; para a atravessar
honestamente, no meio d'esta
decadencia que tudo avassala,
precisa a gente de valôr, de
muito valôr. Sê tu forte tam-
bem.

No subir da montanha ha
muito silvedo a rasgar-nos os
pés e muito espinho a ulcerar-
nos as feridas que recebemo-
em pleno peito, quando a Aurora
nos sorria mais branca, e a as-
piração subia mais no alto. Mas
ao dominar o desfiladeiro, é lar-
ga a paisagem e são ridentes
d'amor os horizontes anciados...

Ó alma irmã das violetas—o
teu nome é um thesouro—cora-

gem! E' dos ousados e dos valen-
tes que saem os heroes. E são
esses os apaixonados do futuro...

SANTOS MELLO.

O PORTO DECADENTE

(Notas da Invicta)

Santo Antonio abaixo, á noi-
te, pelos passeios inundados do
gaz pelintra das *montres*, evola-se
um perfume brando de *Jockey-
Club*, e alguns palmositos de
caras delicadas passam, afoga-
das nas suas toucas de rendas
e nas suas mantas de malha
macias. No alto estrellas treme-
mem. O ceu escuro, sem aquel-
la carecteristica facada da lua,
estende-se pesado como um mys-
terio. Lá no fundo á roda da
Praça nova, pontos luminosos
das laternas dos trens, e por
aquella calçada inanerravel dos
Clerigos dous renques miudos
de candieiros sobem como uma
illuminação de copinhos.

Pregões conhecidos cruzam o
ruído surdo da noite: *é a Folha
Nova! Quem quer a Justiça, hoje
é que ella vem escamada!*

E entre a multidão besta dos
codias vomitando brôa e obes-
cenidades, atravessam *toilettes*
claras, vultos graciosos de mu-
lheres, o braço dado a sobre-
tudos compridos que deixam por
onde cortam a fumarada azul e
deliciosamente aromatica de um
bom *havano*...

Então por aquelle espantoso
abysmo das escadas do Principe
Real, illuminadas por lanternas
de petroleine, e prenhe de ban-
deiras baratas e de cartazes in-
sondaveis de barbarismos, ou
do Sá da Bandeira assiste-se ao
defilé do nosso mundo artista.

Ha muita vida a estas horas da noute, em que a bohemia principia a exposição nocturna dos seus casacos safados e a p... e tituição sabe como uma eral, peira, dos seus bêccos sa dos para a claridade rosada das praças e das ruas. Fse aborvimento diario, que tornar-se verdadeiramente um acontecimento na velha cidade das tripas, pôde dizer-se inspirado pela soberba companhia dramatica de D. Maria II. E ao passo que em horas abrazadas de calma, os cartazes annunciam o sol claro das manhãs. *Os Rantzau, o senhor Ministro, as Nadadoras*, entra-se no *Camanho* toma-se uma cerveja, e a bengala cruzada sobre a perna, o chapéu puzado sobre o marmore das mesas, e o olhar perdido no mosaico da Praça, espera-se com uma grande anciedade pela noute, que nos ha de trazer as dôces delicias de um beijo da nossa amante, e o enleio de ouvir o Brazão e a Rosa.

* * *

Entre papeis velhos e cheios de pó encontrei ha dias uma pequenina carta, escripta em papel rosa, e perfumada d'aquella essencia rara e enfadonha que é peculiar e certas mulheres *coquettes*.

A lettra d'esta carta é tremida e phantastica; ondeia suavemente a capricho, ao mesmo tempo que é acanhada. O estylo meos caro é soberbo, e não pôde haver photographia mais perfeita do caracter infantil e bom d'aquella mulher que m'a escreveu. Que os leitores perdõem a revelação d'este segredo. No entanto a leitura d'esta pequena obra prima orvalha ainda a nossa alma das lagrimas mais puras á lembrança d'aquelle coraçãozinho casto onde a flôr do vicio apascentou negra e profunda — coração que eu tanta amei!

Eis a carta.

«Meu * * *

«Vaes hoje ao theatro?

Queria que se possesses, vieses primeiro vêr-me. Sinto saudades tuas.

O meu coração presente a aproximação do tumulo, e julgo mesmo sentir que me estão amortalhando já.

E' tão triste morrer assim

nova e quando o tempo está tão lindo!

tavô medico diz que isto não tador de... mas eu bem sei como gosto parãne vai inundando.

Gostava de vsou tão tua amiga — Costumes das d'aquellas caziam, quando is que eu adoro.

A Augus dias que não saio do este honãem que recebo ninãe an.

Para que me abandonas, e para que me escrevestes assim? não tens pena da tua amantesinha má, da tua escrava, da tua *gatinha* como tu me chamas? Vê que me fazem mal as tuas palavras: só tu me comprehendes, e julgas que não saberei reconhecer a tua dedicação amiga? Sou uma mulher perdida, mas para que sirvo? conheço que fizeste mal em me despertar o amor que estava morto dentro em mim, e não poder deixar-te, por seres a unica mão segura na noute escura da minha vida!

Adeus. Vem sim?

Olha traze as flôres. Estou muito fraca mas.....

Vou tomar o remedio, mais para te satisfazer do que com confiança nelle.

Sempre tua.

*

P. S. Traze o teu retrato novo.

Quero combinar contigo um caixilho que vou fazer a lãs, mas quero primeiro que escolhas as côres.

Cada vez mais louca.

* *

Faz agora um anno que isto foi Aquella natureza incomprehensivel, que tinha tanto de creança como de divino, e de que ainda hoje conservo as suas flores, os seus anneis, as suas cartas e uma trança do seu cabello, dorme hoje no cemiterio. em um lohar marcado por uma simples cruz negra de louza, onde de vez em quando uma mão desconhecida vae pendurar um ramo de camelias ou de rosas...

* * *

Depois d'este pequeno incidente, desafogo do nosso espirito triste, cumpre dar a noticia grata de algumas novidades litterarias. A primavera, digam lá o que disserem, e mesmo que esteja pros-

tituida pelos poetas lyricos, é uma grande cousa.

Ella borda na talagarça luminosa do ceu o azul mais doce esmalta de verde as estensas pozadarias, e faz soltar por entre os pampanos floridos e os castanheiros densos—a orchestra da passarada jovial e amorosa.

Ao mesmo tempo que ella refresca de tons limpos a natureza, tem a extrema amabilidade de guarnecer as vitrines dos livheiros de alguns livros novos, e de fazer espalhar pelo seu correio confidente—o zephiro—o boato de que algumas publicações apparecerão em breve. Todas essas publicações como era natural, são volumes de versos, e não são mais que notas que fazem parte do grande concerto da natureza.

E' assim que entre esta revelação de vida, sahio como um echo da flauta de Pan—*As Odes e Canções*, do espirito lucidissimo e eminentemente artista de Luiz de Magalhães. E' certamente um dos successos litterarios modernos.

Xavier de Carvalho, o brilhante chronista do *Diario Nacional*, e um dos poetas mais originaes, que temos hoje, dá a ultima de mão à *Epopoia Humana* Xavier de Carvalho é entre os novos um nome querido e um talento festejado, felizmente, por prosperioridades.

O seu livro francamente revolucionario ha de ser uma estreia ruidosa.

Eduardo Coimbra tem de apresentar por estes dias os seus *Dispersos*, outra estreia a quem agouramos uma verdadeira ovação. Do seu bello livro já conhecemos alguns trechos, e a poesia lyrica verteu alli, as suas perolas mais finas, e os seus crystaes mais puros.

Uma phisionomia sympathica que tambem annuncia para em pouco a sua estreia:

Antonio Nobre. E' um dos talentos mais sinceros, e no seu livro reunirá decerto as pétalas mais mimosas da sua alma de artista.

Bernardo Lucas, que pertence litterariamente ao Porto, onde nasceu, mas que se acha terminando a educação do seu esbelto espirito alvino convivio d'esses alegres e bons companheiros do

talento e do trabalho, participamos que sahirá em breve um livro.

E é assim que esta pleiade de serios talentos, de verdadeiros artistas, affirmam a riqueza do seu espirito e a poderosa força do genio que desabrocham nas flores mais excentricas e mais bellas.

Com todos ou quasi todos estes moços que constituem uma brilhantissima pleiade, tenho eu eu conviado na doce effusão da cabula e tenho com elles experimentado as agruras dos compendios fradescos e das terriveis decifrações da geometria e do latim. A nossa alma partilha tambem do grande enthusiasmo que explue quando se atira á publicidade e á critica o nosso primeiro volume e portanto esperamos sinceramente interessados na aparição de todos estes volumes.

* * *

As creancitas tem tido estes dias a sua odynéa. Era justo esta consagração—Os seus cabellos louros, as suas caritas expressivas, e as suas boquitas risonhas como uma promessa os seus olhos cheios de innocencia e de bondade.

Mas creio que será entrar muito nos dominios da chronica fazer a apotheose d'um poema divinal de doçura e de encanto. Portanto...

* * *

A' hora assaz adiantada da noute, em que estou escrevendo estas notas, tenho deante de mim o Porto que dorme.

Defronte das minhas janellas estende-se a cidade, coberta d'um nevoeiro tenue. De vez em quando um ou outro bico de gaz e uma janella illuminada, que espregia no escuro das sombras. O monstro dorme, o poço dos vicios e das devassidões burguezas, das batotas e do luxo parasita, descansa. Amanhã ha de elle levantar a face cavada pelos prazeres, e sacudir a cabelleira inculta pelas orgias, á grande cantharida que a Celine Chaumont lhe ministrará na mais fresca de todas as comedias—*La Cigale*.

Veremos como elle se vingará d'esta diabolica que lhe tem feito pruridos na sua penca ver-

melha e corar de pudor a sua dignidade de commerciante e de pae honesto.

JOÃO DATROÇA.

LITTERATURA DO FUTURO

(DE BULWER)

(Excerpto)

No dia em que a humanidade attingir o seu mais elevado grau de perfeição social ou politica pela consecução da verdadeira felicidade, a litteratura contemporanea d'essa epocha perderá o seu actual character de universalidade e preponderancia.

As mais interessantes obras de pura feição litteraria serão as que tratarem de explorações e viagens por um lado, e as que estudarem por outro lado os desenvolvimentos da mechanica.

Por vêzes um ou outro rapaz escreverá contos de aventuras, ou dará em poema livre curso ás esperanças do amor ou ás torturas do ciúme; mas estes productos serão considerados expansões de pequena valia, dignas apenas de cauzarem interesse a crianças e donzellas.

Quando, finalmente, de numerosos seculos de combate, adquirirem as nações uma forma de governo onde não se distingam com honrarias os individuos encarregados de as administrar, não terão as ambições pessoases motivo para se manifestarem. Ninguém lerá obras onde se advoguem theorias que involvam qualquer alteração politica ou social, e por tanto ninguém desejará ter o trabalho de as escrever. Assim a parte da litteratura que se refere a theorias especulativas sobre a sociedade, ha de completamente extinguir-se.

A immensidade de escriptos respeitantes aos attributos e á essencia de Deus, e os argumentos pró ou contra um futuro estado não terão razão alguma determinativa da sua existencia, desde que se venha a admitir a indiscutibilidade das duas seguintes:—ha um ente divino—ha uma vida futura. Por mais que se trabalhe nunca se poderá derramar luz alguma sobre a natureza e condições d'aquella vida futura, nem avivar as apprehensões, isto é, a concepção dos attributos e essencia d'aquelle ente-divino.

Logo, outra parte da litteratura que tende a cair derrocada nos seculos futuros; acontecimento immensamente feliz para os povos de então por quanto desaparecerá assim da terra um motor poderosissimo de contendas e de luctas.

A vasta secção litteraria que comprehende as memorias historicas de guerras e de revoluções findará no momento em que os povos obedecendo á justa theoria da nacionalidade, deixarem de procurar os seus engrandecimentos a expensas das aggremações visinhas. D'esta sorte a vida terá uma serenidade sublime para os estados e para os individuos. Que chronicas serão possiveis quando a existencia se envolver numa atmospheria de monotona felicidade? Tudo se resumirá no seguinte: «Nasceram, viveram contentes, morreram.»

Os homens do futuro devem lêr com certa satisfação as obras primas poeticas da actualidade e mesmo algumas antigas; nunca porem procurarão imital-as, pois que estas são uma photographia exacta de paixões que aquelles nunca hão de conhecer, como a ambição, a vingança, o amor sensual, a ancia da gloria. Os poetas modernos vivem numa atmospheria prenhe d'estas paixões, e sentem activamente aquillo que exprimem com enthusiasmo. Ninguém, n'esses tempos poderá descrever taes sentimentos, pois ninguém os sentirá.

A nossa poesia encontra o seu elemento principal na dissecção d'aquelles mysterios complexos do character humano que conluzem a vicios e crimes anormaes, ou acabam por assignaladas e extraordinarias virtudes. Mas, as sociedades do porvir, evitando as tentações criminosas e os vicios proeminentes, tornarão necessariamente tão identico em todos o trabalho moral, que não haverá tambem então merificas virtudes salientes. Sem o seu antigo alimento das sensações fortes, dos vicios hediondos, das qualidades hiroicas, a poesia ficará por este facto se não condemnada á morte, reduzida pelo menos a proporções microscopias.

Sentimos actualmentepela novidade uma attracção irresistivel; lê-se com prazer um livro recente, ainda que mediocre, e des-

preza-se um livro antigo, ainda que muito valioso.

Para nós, estados barbaros da sociedade que luctamos desesperados em busca de alguma cousa de melhor, não admira que a Novidade seja uma deusa. Nas sociedades vindouras porém quando para a humanidade estiverem já adquiridas as grandes verdades sociaes, — o trabalho iusano nem encontrará estímulos na ambição da gloria, nem nas sollicitações da miseria.

O estiolamento inevitavel para a litteratura do futuro passará sobre a sciencia sem em nada lhe fazer móssa; por quanto a origem da sciencia, (á parte qualquer consideração de fama) é a gloria, e a sua applicação pratica tornar-se-ha fatalmente necessaria para a conservação social e para as commodidades da vida.

J. J. FÓRBES COSTA.

(Versão do Inglez)

NA LUSA . . .

No domingo sobre as mesas do marmore pegajoso dos cafés os jornaes da Lusa ostentavam um riqueza de noticias, capaz de fazer inveja ao Incolor das dicitas. E não é vulgar o caso n'estas alturas, por onde o *chroniqueiro* passeia de nariz no ar, desejos de faro, ambições d'escandalo e a *pacata*:—que se está nas tintas para banzês.

E na verdade Coimbra não parece a mesma, o escandalo bateu as azas e fugiu; hoje ninguém commenta o caso do doutor fulano passar a noite em casa do meu vizinho sapateiro; isso passou a ser cousa vulgar, que toda a gente fazia com a simples condição de lhe abrirem a porta... A policia seria e grave seguiu o respectivo organismo e hoje tem ousadias indiscrepiveis passando a vida sem uma costella quebrada, sem a cabeça em risco.

Companhias de theatro chegam e desaparecem sem o gasto de dois caixotes de garrafas de Champagne, sem a provocação d'um duello, sem a recitação d'uma poesia.

Já é! . . .

Por tudo isto nós no domingo tivemos exclamações d'entu-

siasmo, manifestações d'alegria á leitura dos respectivos órgãos da Lusa.

Era bazar no jardim com illuminação a luz electrica, espectáculo de leões, serenata no rio Paiz das Arrufadas no theatro de D. Luiz.

Pratos finos no *menu* do dia, e para acompanhamento, estimulantes precisos nas faltas d'appetite:—meninas de vestidos apertados em passeios pela Estrada da Beira; engommadeiras de saia curta, meias provocantes, sorrisos de matar, festas do mez de Maria com acompanhamentos de musicas unctuosas de religião e assistencia de devotos d'ambos os sexos.

E á hora em que escrevemos tremulam na nossa rua cordões de bandeiras vistosas; esperam o Nuncio e nós... tambem.

SALAMANDRA.

A AMEAÇA

O Lima era um rapaz de vinte annos que passava uma vida alegre na companhia dos amigos quando estes faziam as despezas das estroinices. Nunca gastava um pataco, não offerecia um café, nem um cigarro, mas expunha desejos de pandegas, desafiava os rapazes conhecidos, e citando casas de petiscos:—Sabem, na posição de casado não posso gastar; tenho familia e... a vocês não faz differença pagar por mais um...—E perguntava, com muitos receios de resposta negativa:—Vamos?

Os rapazes respondiam que sim, pensando na Conceição. A mulher d'elle, que tinha um grande coquettismo, prodigalisava, sorrisos alegres, e ás vezes piscadellas d'olho.

O Lima era muito interessante nas suas desconfianças de que lhe namoravam a esposa, e sem perceber que ella desafiava... desafiava...

Mas... Vamos á ameaça.

O Lima começou uma vida de apoquentação, de muito desconsolo, desde que a Conceição um dia lhe pregou uma partida, que deu causa a varios commentarios feitos ás mesas dos caffes.

Desde então ella tornou-se d'uma exigencia extraordinaria, pedindo muito luxo; não queria

ser das ultimas a usar as modas descriptas pelos jornaes de figurinos estrangeiros; a sua vontade era andar sempre no caminho da modista, fazer encomenda de vestidos novos, de chapéus da *Lisbonense*, e compra de luvas no Bolson.

Num immenso desconsolo elle não se sentia inclinado a satisfazer-lhe os caprichos, e deixava-a pedir tudo sem ao menos lhe dar dez testões para um metro de seda.

—Que havia de acabar por uma vez de ser asno—affirmava. Se queria vestidos novos que usasse primeiro os que tinha. Não estavs o tempo para esbanjamentos de dinheiro.

E ella:—Que não casasse, ninguém o obrigara.

Tambem não estava resolvida a vestir sempre da mesma forma.

Arrepellava-se n'uma grande raiva, fazia mordeduras nos beiços e batia fortemente com os punhos nos moveis, deitando ao chão bonecos de loiça, e jarras que se partiam nuns tilintamentos ruidosos. Um inferno! E com gesto de ameaça, para o marido.

—Que havia de vingar-se, se lhe não dessé os vestidos.

Elle, soffrendo aquillo tudo com paciencia:

—Que desejava saber como...

A Conceição caminhou para um espelho, fitou o, riu cinicamente, e affogando o pescoço:

—Vê como sou bonita...

Ha homens que me desejam e... eu vingo-me...

Era a primeira ameaça de cara a cara.

O Lima, levando as mãos á cabeça.

Casem-se, casem-se...

G. M.

CHRONICA DO PORTO

II

PAIZ DA TRIPA, 15 DE MAIO DE 1884.

Por fim a tão desejada primeira appareceu-nos, toda radiante de gloria, cheia de sorrisos de sol quente, embalsamada d'aromas finos e espalhando por toda a parte a mãos cheias flores das mais delicadas.

O Porto despovoa-se, o *touriste* enche as malas de linhos

frescos, lança o binoculo a tiracollo e eilo a caminho.

Como é bello agora o campo!

Que contraste com esta nossa vida burguezia!

Aqui estiola-se dentro d'uma secretaria, morre-se de tedio na athmosfera pezada dos Cafés.

Ao passo que lá fora ha vida; as campinas vestem-se de verduras fofas, as arvores cobrem-se de rendilhados de flores, que o bom sol doira e a passarada garota entoa hymnos, cheios d'alegria

E'um pequeno quarto de quinto andar, muito abafado, onde a luz entra a custo a *chronica* aborrecia-se:—que não se podia viver assim no velho Burgo—dizia que estava farta, precisava de sahir, respirar o ar puro dos campos, perfumado pelo aroma de madresilvas e ghycinia.

Preparou o seu pequeno sacco de viagem e partiu.

Por isso, *cara pequena*, ella

não te escreveu na ultima semana nem havia que contar, as novidades aqui escaceiam, nem uma só palpitante, nada que te podesse interessar.

Mas agora volta do Porto cumprir o que prometeu.

—A companhia dos cavalinhos foi-se embora e com ella a allegria dos burguezes

Leona Dare, olympica, como lhe chama a *Folha Nova*, deixou-nos; os admiradores das suas fornas correctas e aquelles que desejavam as suas sensualidades quentes sentem lhe agora a falta.

—Em quanto em Lisboa se recordam com saudoso enthusiasmo os bellos dias da Kermene no Porto realiza-se no Palacio de Christal um bazar a favor do Hospital de creanças Maria Pia. Tem havido grande concorrência.

Até á semana.

G. DE NARIACK JUNIOR.

ULTIMO OLHAR

(MINHA IRMÃ)

Na hora derradeira essa creança, que eu tantas vezes abracei sorrindo, lançava-me um olhar amargo, infundo, n'um arranco febril de desesp'rança.

De pallidez coberto o rosto lindo, em desalinho a perfumada trança, morreu, morreu,—jaz ella afflicta e mansa... O sol cortava a immensidade rindo...

Hoje, da vida n'este mar dolente, se vérgo á dôr, consoladoramente fulge-me n'alma,—estrella d'esperança,—

O seu ultimo olhar amargo, infundo... e fico-me a pensar n'essa creança que eu tantas vezes abracei sorrindo.

HAMILTON D'ARAUJO

PUBLICAÇÕES

A MOSCA

SEMANARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE, 500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Correspondencia—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9—Porto.

CRYSTALISAÇÕES

DA MORTE POR

Eugenio de Castro

A' venda em todas as livrarias.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinho—14

Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda* e *Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

PROH PUDORI!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO..... 100

PELO CORREIO..... 110

Sabe na proxima semana.

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e aceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L.da Costa, editor—Coimbra.

PREÇO..... 400 reis

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.^a—rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves.

VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida.

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.^a—largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRALDA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SALAMANDRA

ASSIGNATURAS

Por semestre... 440 rs.
Por trimestre.. 220 rs.
Avulso..... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração: rua do Coto-
velho, n.º 2.

NUMERO 9

COIMBRA, 31 DE MAIO DE 1884

2.ª SERIE

EXPEDIENTE

Pede-se aos senhores as-
signantes, que tencionam
sair de Coimbra, a fineza
de declararem a direcção
que se deve dar ao jornal.

PAIZ DAS ARRUFADAS

31 DE MAIO

AO JORNAL «A NAÇÃO»

No entorpecimento imbecil de
uma vida que se gasta pouco a
pouco com a parylisa do orga-
nismo, ha para ahi escondidas,
nos covis d'uma typographia, ali-
marias, que de quando em quan-
do atiram cá para fora os salpi-
cos d'uma bada avermelhada pelo
sangue da colera, amarellecida
pelo pus da gangrena. E então
dá-nos vontade de chamar o de-
legado de saude, e mandar abrir
a porta de qualquer fabrica de
guano, desinfectando a athmos-
phera com o gasto de dois fras-
cos d'acido phenico. Quando por
ahi as mattas virgens cresciam
á vontade dando-lhes abrigo, ali-
mentando-lhes a ferocidade, ellas
escondiam-se atraz do tronco mus-
goso de qualquer arvore, e de
lá formavam saltos cobardes, ati-
rando-se ao pescoço das victimas,
saboreando sangue com uma gu-
lodice selvagem. Mas o terreno
limpou-se, e hoje onde as rama-
das dos mattagaes faziam escon-
derijos traiçoeiros, crescem plan-
tas fructíferas, aquecidas pelos
raios d'um sol todo benefico. Os
caceteiros e os carrascos ficaram
sem instrumentos para o seu ofi-
cio, as estradas foram limpas, e
as alimarias bateram em deban-
dado caminho d'outras paragens,

ou estonteadas ficaram para ahi
paralyticas de medo, perdidas
d'ideias.

E as camaras que têm o bolo
de strychnina para o pacifico cão
vadio, deixam-n'as viver ainda
sem inscreverem nas posturas
municipaes a concessão de um
premio para quem acabar de to-
do com as leprozas.

Uns imprudentes estes novos!
Se lhes não temem a dentadura
apodrecida, receiem ao menos o
envenenamento do meio; salve-
mos a hygiene como procuramos
guardar as canellas. E ellas não
viveram, por uma ideia; existi-
ram apascentando-se nos cada-
veres, dando larga aos seus ins-
tinctos carniceiros, mitigando a
sede em sangue e a colera em
embuscadas. E hoje quando uma
baforada de vento rijo as anima,
mostram ainda *aselea gerie* dos
costumes, mas sem força para
abrirem as fauces; e por isso
dispensam o açamo. Vae violen-
ta a nossa linguagem, mas quan-
do nos dirigimos a papeluchos
como a *Nação*, temos por habito
ficar em mangas de camisa, dei-
xar a penna, e tomar o vara-
pau de zambugeiro com que se
desanca a vadiagem, que nos
ataca ás esquinas das viellas...

Podem-nos lembrar que é bar-
baridade espançar moribundos,
mas se não lhes esmagamos a
cabeça não os podemos enter-
rar, e continuam assim a viciar
a atmospheria; não lhe tememos
o dente, mette-nos medo o chei-
ro. Ainda que tivéssemos um
bom estylo não o gastariamos
agora, porque o dictado prohibe
deitar perolas á *Nação*.

Vamos ouvil-a:

«O Sr. Bispo Conde resolveu
ao que parece, fazer este anno

da *Academia de Santo Thomaz*,
no Seminario, um acto de *pir-
raça e de desforra*, pouco edifi-
cante, em additamento á celebra-
rima circular contra a *Ordem*»

«Além de ter convidado para
tomar parte na dita Academia o
catholicismo liberal feito homem,
isto é o sujo author dos sujos
Tugs e o sr. *Miguel das lagri-
mas*, que aliá ha pouco, *tão no-
tavelmente se pronunciou contra
as Ordens Religiosas*, e gosa da
intimidade de S. Ex.ª Rev.ª, con-
sta que recebeu ou vae rece-
ber convite o *bem conhecido ca-
tholico puro*, o Redactor do *Co-
nimbrecense*, Martins de Carva-
lho, *valoroso apoiador do das La-
grimas* na sua condemnação das
Ordens Religiosas!»

«Que mais veremos ainda?»
«Talvez o tal A. B., seja
egualmente convidado.»

«Só faltarão que tambem o seja
o Redactor da *Coimbra em Fralda*
obscena publicação, que tornou
a apparecer e agora se imprime
numa typographia cujo proprie-
tario é *Professor no Seminario
do Sr. Bispo Conde!*»

Pois fomos convidados, reverendissima besta!

E vimos por lá certos figu-
rões, muito conhecidos da *Nação*
e que com certeza entraram sem
convite; foram no embrulho, e
e acharam-se na sala porque o
Sr. Bispo Conde se esqueceu de
mandar para a entrada do edi-
ficio, o homem de roupeta que
guarda a porta da Sé...

Miguel Osorio, e Martins de
Carvalho eram muito dignos de
convite, mas não o eram com
certeza aquelles que beijavam a
fimbria da batina episcopal, para
depois a cuspirem de longe,
muito escondidos.

A *Nação* entende-nos...

E por isso o Senhor Bispo-
Conde avisadamente andou apon-
tando-lhes a porta da rua...

Ainda nos entende a *Nação*...

Agora para a relva, reveren-
dissima alimaria; verdejam as
campinas desafiando appetites...

SOLANO D'ABREU (SALAMANDRA)

A GUITARRA

(A COSTA MACEDO)

A viscondessa abhorrecera-se
muito no baile, muito.

—Uma *soirée* idiota, pensava
intimamente ao entrar para o seu
coupé prateado e macio que os
tigres faziam correr, voar glorio-
samente. Apenas a Baroneza do
Carvalhido a impressionara com
o seu vestido apertado e claro,
hombros immortaes palpitando
de nudez e o olhar escuro relam-
pejando ao largo faiscas d'uma
voluptuosidade fina e humida...
Conbeciam-se de creanças e acos-
tumaram-se, bem novas ainda, a
admirar-se mutuamente.—E de-
pois a baroneza era uma mulher
superior que commentava com
uma fidalga gentileza o ultimo
volume de Daudet, e matava, a
golpes d'ironia, a derradeira bar-
carolla que lhe offerecera um ly-
rico melindroso.

De resto,—uma insipidez! Na-
da em que scintillasse a flamma
do espirito moderno, gracioso e
vivo, com um vermelho tom de
sangue e de prazer...

E, ao despedir-se da amiga,
prodigalizando-se beijos d'uma
infinita meiguice, a viscondessa
sentiu que o coração se lhe dei-
xava vencer d'uma tristeza im-
movel, que lhe trazia ao espirito,

talvez, doiradas reminiscencias d'um passado radioso, sepulto hoje no tumulto do peito immenso e frio...

* * *

Quando entrou na sua pequenina alcova doirada e bella, o luar brilhava lá fóra, embriagando as rosas e aguçando as paixões dos lyrios... O lago fitava humildemente o ceu, agradecendo-lhe submisso os beijos e as ternuras; toda a natureza em volta se sentia palpitar d'amor, vendo-se apertada nos braços venenosos e lubricos da lua, que lá em cima, muito no alto, entre córos d'estrellas, orchestrava as canções da noite, apaixonadas e communicativas como os labios d'uma amante bella...

E, desviando o olhar, via-se ao cimo do leito pesado e morno, dominando a opulencia dos setins, uma guitarra encantadora, com incrustações de marfim e prata,—uma maravilha que a Arte parece destinara para os dedos finamente aristocraticos de alguma princeza muito loira...

E... a viscondessa lembrava-se bem. Tinha sido por uma noite assim, serena e calma.

Fernando—um valente rapaz—escalára o muro do jardim. A guitarra pendia-lhe dos hombros n'um abandono melancolico e doce. E começaram de ouvir-se melodias adoraveis, feitas de queixumes de rouxinoes e aromas brandos de violetas!

Tudo em volta dormindo...

A ultima estrella dá o derradeiro bocejo. Ao fundo da paisagem, o rio murmura vagos canticos d'amor, seguindo por entre alas de choupos, n'uma paz serena e boa.

E só os dois namorados é que riem, troçando as estroinices da lua, confiando-se mutuamente os seus segredos, sorrindo a cada nova confidencia, fortificando-se para o amor pelo contacto e pelo olhar. As primeiras curvas d'um seio immortalmente branco ferem a pallidez da luz. E ouve-se o primeiro beijo, e outro, e outro...

* * *

Bella noite, sem duvida!

O Fernando é que poucas vezes mais voltou.

Como symbolo d'essa paixão palpitante e bella, pende hoje, ao

cimo do leito da viscondessa, dominando a opulencia dos setins, a guitarra encantadora, com incrustações de marfim e prata,—uma maravilha que a Arte parece destinara para os dedos finamente aristocraticos de alguma princeza muito loira...

* * *

E é por isso que ao recolher

a casa, sósinha e desolada, pelo silencio d'uma noite tranquilla; a viscondessa sente que o coração se lhe deixa vencer d'uma tristeza immovel, que lhe traz ao espirito as doiradas reminiscencias do seu passado radioso, sepulto hoje no tumulto do peito immenso e frio...

Coimbra, SANTOS MELLO.

APPARENCIAS

Mais dura que a penedia
Tu és, mais fria que a lua:
Quantas perolãs daria
Por uma lagrima tua!

Mas á luz da pedraria,
Na carne alvissima e nua
Do teu collo, se entibia
O meu olhar que recua:

Que pranto terás vertido,
Modestamente escondido,
Como as perolas no mar!

O rosto é 'spuma das aguas;
Porém lá dentro andam maguas
Constantemente a chorar!

COSTA MACEDO.

NA LUSA...

Correm propicios os dias para a chronica. A *pacata* tem d'estas intermittencias; umas vezes bons dias passados nos ocios fagueiros da Havaneza, nos cavacos do Lusitano, no gasto da cerveja do Anda a Roda, nos passeios em carros do Natividade; outras vezes o zabumba e o foguete nacional no meio da rua, divertimentos ruidosos da academia, e até para variar o seu assassinasito a pôr uma nota interessante n'este meio inerte.

Esta semana foi ella uma pimpona, uma prodiga, e por isso em nome de todos os chronistas aqui lhe deixo o testemunho do meu reconhecimento. E senão veja-mos—Sabia o ultimo numero da «Fralda», e a essa hora aquella bollinha de gordura, que todos conhecemos á porta da igreja de S. João, distribuia pela minha rua riquezas de cobertores de damasco, e ornava as janellas com bandeiras de paninho branco e azul; que ia chegar o Nuncio—affirmava. E effectivamente

á tarde, caminho da Sé, rodavam dezenas de carros levando seminaristas rubicundos, de faces frescas; padres da aldeia de cachaceiras gordas, vermelhos como clarau, bem tractados a presunto de Lamego e a carrascão da Bairrada; e atraz o Nuncio distribuindo benções ao som do hymno de Leão XIII assoprado pelas phylarmonicas, e da Maria Cachucha repicada nos sinos. Á noite illuminações, musica á porta do paço e lá dentro bons gellados, saborosos, que muito refrescaram... quem os tomou.

No dia seguinte, no Seminario luz electrica, bailes de tricanas com o voltear alegre do Malhão, e o bater de dedos no tampo da bandurra, com muito furor das meninas como recommendava em alta voz o marcador, gingando de quadris ao dar da meia volta. Grupos d'estudantes cavaqueando alegremente sobre o ponto e sobre o acto, fazendo projectos de passeios largos, divertimentos bons durante as ferias que se aproximam.

Já vêem que os não enganava

quando lhes dizia que a chronica tinha onde encher o papo.

E não foi só de festas a semana. Os amadores do escandalo, os apaixonados de noticias palpitantes d'interesse, tiveram tambem o seu pratinho. Uma tragedia que fez tremer de susto as meninas nervosas da baixa, que lhes apertou o coração com uns terrores, que só se dissiparam ao beijar da mão do Senhor Nuncio na igreja de Santa Cruz, em uma manhã fresca, muito agradável para passeios largos no campo e muito pouco própria para festividades dentro dos muros pesados d'um templo.

E a tragedia?

A tragedia teve o seu epilogo. Choupal e narra-se em duas linhas.

—Uma mulher abriu o baixo ventre á amante do marido, e depois com uma devoção muito catholica, muito louvavel, enterrou-a na areia do Choupal.

Coisa simples que qualquer faria com a simples condição de ter a alma da ciumenta...

E fechando a chronica, «Coimbra em Fralda» sente que a falta de saude do seu redactor, lhe prohibisse acompanhar a romagem que a Associação Liberal fez ao tumulto de Joaquim Antonio d'Aguiar, mas associa-se a essa sympathica manifestação, e envia o seu cartão de felicitações aos promotores de tão respeitavel homenagem.

De resto a *Nação conta*, mas não admira, está no seu mez...

SALAMANDRA.

VINGANÇA DO PATIFE

Na capoeira não havia outro. Era um gallo romano de pennas negras, lustrosas, crista de um vermelho sanguineo, disposta airoosamente na cabeça com uma magestade de tyrano poderoso; no bico de duresa cornea, e nos esporões agudos como laminas de punhaes, punha elle toda a segura garantia da fidelidade do seu serralho, e—que o atraçassem, se queriam experimentar todos os horrores do desaggravo da sua honra... Tinha no bando todo o poder de um senhor despotico, mas sabia-o sustentar com dignidade, chegava mesmo

a possuir acções d'uma nobreza distincta.

Durante o dia passeava a sua arrogancia no meio das gallinhas brancas, como pombas, que na sua humildade servil lhe esgaravavam a terra para elle sem incommodo colher as sementes, debicadas com delicadesa, sem voracidade; um bago de milho nunca lhe servira de pretexto para uma escaramuça—que se fartasse a villanagem ruim, que se fartasse a villanagem ruim, que depois elle comeria.

No poleiro occupava o lugar mais elevado, superior ás suas femeas, podendo a todos os momentos lançar-lhes o seu olho pequenino e vivó, protegendo-as, exigindo-lhes respeito. Era sempre o ultimo a recolher, quando o sol se escondia ficava o gallo ainda fóra, vigiando sem a arrogancia d'uma sentinella armada, com um disfarce de manhoso como se procurasse apenas armazenar no papo mais um grão d'appetite.

Nas capoeiras visinhas ao romper da manhã nenhum outro gallo se atrevia a cantar sem aquelle bater as azas grandes, negras, e soltar a sua voz de trovão, a que os outros respondiam com echos repercutidos de monte em monte.

Nascera no inverno, no meio d'uma ninhada de pintos amarelitos; dois dias depois de sahir da casca cahiu no caco, esteve quasi afogado, mas a agua gelada deu-lhe aos nervos uma rigidez de pedra e uma força de luctador; uma trigueirita, olhos negros, peitos grandes, cabellos ligeiramente anellados, que era a creada do pateiro, correu a salvar-o; aqueceu-o, agasalhando-o no seio; mas o instincto de altivez athletica da avesita manifestava-se já, achou o lugar indigno da sua entidade e cobriu-o de picadas, obrigando a enfermeira a retirar os soccorros, que lhe dispensava 'nuns carinhos muito invejados pelo cocheiro da casa no entretenimento d'umas relações amorosas cuidadosamente escondidas pelo fundo escuro das escadas.

Chegou a frango, viu os irmãos entrando a pouco e pouco na cosinha com o pescoço cortado deixando rastos de sangue medonhos, que chocavam o nervoso á menina da casa como uma ma-

china delectrica de grande força, só elle ficou, a sua formosa corpulencia destinava-o ás funcções de reproductor.

* * *

Os dias corriam-lhe agora felizes nas commodidades da vida—bom grão, 'numa prodigalidade de palacio de velhos fidalgos administrados por feitores espertos; agua limpa renovada todos os dias, um bom serralho de gallinhas gôrdas, brancas de neve, cheias de meiguice ás suas caricias d'esposo terno; e a sympathia dos donos, que ao sahir das ninhadas reconheciam, que todos os ovos tinham sido bem gallados.

Uma vez ao saltar do poleiro encontrou outro gallo, de pennas amarellas, cauda rica, bem disposta; era um rival, a guerra domestica, que entrava no pateiro com todos os seus horrores.

O gallo preto, o nosso heroe, chamou todo o bando e encheu-o de caricias, bem repetidas, que chegavam a fatigar as pobres femeaes; e depois com a prosapia d'um amante preferido, e a força consciente do seu despotismo, olhou o outro e atirou-lhe á belleza das pennas um cacarejo ironico, provocador.

O gallo amarello, o hospede, comia a um canto descuidado na sua solidão; e o preto picando na terra, olhava-o por baixo espreitando com modos velhacos.

Uma das mais bellas gallinhas foi beber e passou junto do intruso, que sacudiu a crista altivamente, e seguiu a femea arrastando-lhe a aza . . .

Um canto victorioso soou na capoeira, e o gallo preto sentiu subir á cabeça todo o sangue das veias—fôra atraído na sua honra e no seu poder; queria desaggravar-se, e correu verdadeiramente perdido sobre o outro medonho na sua colera.

A lucta travou-se horrorosa, os dois atletas tinham as penhas do pescoço em pé, como duas colleiras d'espinhos, os esporões faziam estragos horriveis e as cristas enchiam-se de golpes; finalmente os intestinos do D. João de capoeira, do hospede maldicto, sahiam por uma abertura grande, coberta de sangue no meio das pennas amarellas; e o gallo preto, cheio de crueldade no seu odio saltou sobre o cada-

ver do outro, bateu as azas, e soltou um sonoro *có-cro-co*, que os echos das capoeiras repetem hoje sinistramente ás horas mortas da noite.

Estava vingado o patife.

SALAMANDRA.

CARTEIRA

E. Costa Macedo, um dos redactores d'este semanario, um dos rapazes mais sympathicos, e um dos talentos mais promettedores d'esta geração academica, realisou em sua casa a festa mais brilhante que temos visto em casas academicas.

Quiz solemnizar o ponto final dos trabalhos escolares 'neste anno com um sarau que teve o melhor exito!

Musicos, amadores dramaticos, poetas, cantores, litteratos 'numa palavra o que ha de melhor na academia, concorreu para aformosear a festa.

Julio Forbes, Barbosa, Affonso Caldeira, Eduardo do Valle, Miguel Dias, Euphrosino, tocaram piano, violino, guitarras e ocarinas. Julio de Castro, e C. de Sousa desempenharam uma comedia, Alexandre Silva uma scena comica. Faria fez sortes magnificas de *physica recreativa*.

ALLEGROS

AMORES DA ALDEIA

De todo o logarejo é Dorothea
quem desperta mais viva sympathia!
como ella vai garrida á romaria!
como ella nos serões saracoteia!

Por ella o mocetão que a galanteia
obra proezas mil: é raro o dia
em que não mostre a enorme valentia
do grosso pulso aos seus rivaes da aldêa!

Elle que veja alguém na desfolhada
ou na missa . . . a fitar-lhe a namorada,
—a Dorothea por quem tanto pena . . .—

Diz-se até que ao prior quebrou a espinha,
só por que este ao cantar na ladainha
—roza mystica—olhou para a pequena!

IDYLLIO

(A JOAQUIM PEREIRA JUNIOR)

E' noute—a rua é solitaria agora,
e em baixo na janella pequenina,
erguendo branca e tremula cortina
assoma Julieta encantadora!

Eis que o Romeu choroso, que a namora,
se aproxima—da pallida menina—
e, apertando-lhe a mão nervosa e fina,
beija-a 'numa caricia tentadora!

Depois exclama tremulo d'enleio:
«deixa que beije agora o niveo seio»
«e a flor vermelha d'essa bocca . . . vá . . .»

«que eu de gozos do ceu sou tão faminto»
«que até, ó minha pomba, sinto . . . sinto . . .»
—sentiu trez bengaladas do papá!—

Leiria

COSTA SANTOS.

Manuel Gayo, Bernardo Lucas, Ramos, Pinto da Rocha, Carlos Braga, Costa Macedo recitaram composições suas. Tabor da Ramos e Agostinho Rego cantaram magistralmente.

Santos Mello e Solano d'Abreu leram os contos que hoje publicamos; Trindade Coelho leu a Dolora.

Não sabemos se nos esqueceram algum nome, se assim succedeu a falta é involuntaria.

Estavam mais de 50 pessoas; houve um profuso serviço de gelados.

Ainda mais uma vez:—as minhas felicitações, meu Eduardo..

Vitorias do Diabo. Subiu hontem á scena a revista do anno, que em Lisboa deu bastantes espetaculos no theatro Chalet. É uma charge formidavel a costumes e instituições.

Pareceu-nos bem escripta, ainda que não sympathisemos muito com a rhetorica neste genero de trabalhos, e com uma certa nudez d'escandalos, que em geral não são bem acolhidas pelas plateias illustradas como a nossa.

Entretanto isto não é um defeito, e não o é porque o seu auctor, um sympathico moço, cheio de talento, conhecia bem a plateia do theatro para que escrevia. Gostámos principalmente dos dois ultimos actos a que achámos muita originalidade.

A falta d'espaco obriga-nos a retirar uma critica mais demorada, que faremos no proximo numero. A revista foi applaudida sendo apenas pateados o apparecimento da personificação da ideia nova, e o do jornal o *Seculo*.

O desempenho ressentiu-se muito naturalmente da mudança do theatro.

O auctor, o Sr. Jacobetti, está em Coimbra; é um sympathico cavalheiro, e um bello cavaqueador. Os nossos cumprimentos.

A' ultima hora.—Hoje não houve espetaculo porque appareceram apenas 6 espectadores.

Actos.—Fizeram acto os nossos condiscipulos:—Abel Garção Abilio Braga, Alexandre Silva, e Rollão Preto.

Gentis bachareis em flor—muitos parabens! E que os vossos risos e doiradas alegrias se

prolonguem pelas almas dos nossos valentes camaradas.

Espera-vos esta noite a nossa taça de crystal finissimo... Meu querido Alexandre, salte d'ahi uma esfusiada de Champagne...

Hurrah!
Coimbra, 30.

Novos collegas.—Recebemos o *Academico* e a *Academia*, jornaes d'estudantes, que agradecemos.

SORRINDO

Um par valsava.
Ella:—Para a esquerda agora se lhe apraz.

Elle:—Perdão, não costumo desfazer o que faço.

'Numa aula de mathematica elementar o professor exemplificava um theoremata a quinze discipulos:

—supponhamos que estão aqui quinze burros.

—16, 16—diz um alumno.

E o professor replicava—não admitto que me contradigam; 15 já disse:

—Não serei eu que contradiga V. Ex.ª

E tomando o chapeo e sahindo:

—15, 15—Ex.ª Sr.

'Num exame de introdução um dos membros do jury todo adamado, todo cheio d'aromas, perguntava:

—O que é uma flor?

E o discipulo desistindo do exame e sahindo:

—Uma flor?! Uma flor é V. Ex.ª

Aviso

O nosso collega 'nesta redacção, Rollão Preto, encarregou-se de proceder á cobrança das assignaturas na Beira Baixa. Presadissimos assignantes, vá .. mais esta generosidade...

PUBLICAÇÕES

IMPRESA INDEPENDENCIA

14—Rua dos Coutinhos—14

'Nesta casa imprimem-se actualmente tres jornaes: *Imparcial*, *Coimbra em Fralda* e *Panorama Contemporaneo*, que era impresso na Imprensa da Universidade.

PROH PUDOR!

Carta de Coimbra em Fralda ao Sr. Padre Amado a proposito da semana sancta.

PREÇO..... 100

PELO CORREIO..... 110

Sahe na proxima semana.

A MOSCA

SEMENARIO ILLUSTRADO

Assignatura

TRIMESTRE, 250 RS.—SEMESTRE, 500 RS.—ANNO, 1\$000 RS.

NUMERO AVULSO—20 réis

Corrèspôndencia—dirigida ao administrador J. R. da Cruz.

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9—Porto.

CARLOS BRAGA

O PADRE HENRIQUE

DAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L.da Costa, editor—Coimbra.

PREÇO..... 400 réis

PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario

José Luiz da Costa

ESCRITORIO DA EMPREZA

231—Rua do Ferreira Borges—237

Recommendamos ao publico esta interessante e luxoso publicação.

CRYSTALISAÇÕES

DA MORTE POR

Eugenio de Castro

A' venda em todas as livrarias.

LIÇÕES

Para a cadeira de legislação nos lycens

POR

LUIZ PALMEIRO

Estudante do 3.º anno de direito.

Assignasse em casa do auctor.

Rua do Cotovello

COIMBRA

IMPRESA INDEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e aceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mapps de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe atrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das principaes terras do paiz.

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Cotovello, n.º 2, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que continuaremos mandar proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 8.

VENDE-SE-O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves, VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida,

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos,

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.

COIMBRA—IMPRESA INDEPENDENCIA

Combrança
Coimbra

PUBLICAÇÕES

Annunciam-se as obras
recebendo-se um
exemplar

Toda a correspon-
dencia deve ser diri-
gida ao administrador.

COIMBRA EM FRA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

olverem o
a algum ba-
a magistra-
diabo e por-
entamente os
ia....



ASSIGNATURAS

semestre... 440 rs.
Por trimestre... 220 rs.
Anual... 20 rs.

Redacção e Adminis-
tração, rua do Sargen-
to-mór, n.º 22.

ADMINISTRADOR, EDUARDO D'ALMEIDA — DIRECTOR LITTERARIO, SOLANO D'ABREU

NUMERO 40

COIMBRA, 17 DE JUNHO DE 1884

2.ª SERIE

Pedimos desculpa aos nossos assignantes da demora na sahida d'este numero. Motivos imperiosos, forçaram-nos a não cumprir, como desejavamos, o nosso dever.

PAIZ DAS ARRUPADAS

31 DE MAIO

CHRONICA

O calor assentou por aqui definitivamente os seus arraiaes. E é de vêr como tudo reluz ao sol — homens e coisas, o-verde esmeraldino das arvores e as sedas das mulheres que flanam pela *baixa*, aborrecidas e magras.

Os passaritos estonteados fogem para os salgueiros do rio, a dormir em ninhos de folhagens, á espera que a tarde desça e as tricanas vão á agua, de militar ao lado, 'num *duo* admiravel de namoro e garridice. Só então é que elles, ao desafio, começam a cantarolar as *petaneras* do amor, sorrindo e pipilando, em arrulhos d'uma melancholia graciosissima...

É a hora em que os lyrios do Visconde da Luz—tristes flôres de estufa—descem dos terceiros andares para o seu passeio quotidiano pela Estrada da Beira. Levantaram-se tarde, ás 11 do dia. Na vespera haviam ficado á janella, até alta noite, á espera da serenata promettida. Deitaram-se muito depois das 2 da manhã, quando as guitarras vibravam ao longe, na paz religiosa d'uma madrugada de primavera, os derradeiros soluços e

os ultimos gemidos. A' cabeceira da cama esperava-as, uma novella tentadora, de lances patheticos e commoções violentas, que contava a historia d'uma admiravel andaluza—milagre de Deus 'num momento de bom humor —com um trovador apaixonado que acabára por fugir com ella, montados no mesmo cavallo, atravessando os mesmos descampados e ebrios do mesmo amor... Por isso as mamãs todas se inquietaram e affligiram quando, ao depôr-lhes um beijo suavissimo e casto na desmaiada brancura da face, viram os olhos das suas adoradas filhas mais encovados e mais humidos, e em volta circulos profundamente roxos...

Pelo dia acima, aborreceram-se dentro do seu penteador branco, constellado de rendas; e era de admirar—ó minhas queridas romanticas!—a provocadora malicia com que vós tingieis d'escarlata o esmalte purissimo dos dentes ao trincar a polpa encantadora de duas cerejas bem vermelhas, emquanto o vosso braço se desnudava pallido e tenro, mostrando, como tennes fios de seda, uma adoravel pennugem...

Depois, nós fomos encontrarvos no Jardim, alli pelo decahir da tarde. S. Jorge e os movimentos guerreiros d'um destacamento de cavallaria — os unicos movimentos guerreiros que o exercito portuguez sabe fazer, na phrase d'um nosso galhardo amigo — haviam refinado o vosso tedio. E por isso fostes es-pairecer para o ar livre, ao pé das arvores, e na doce frescura que vinha das plantas. E pensastes então 'num passeio delicioso, á beira d'um riacho, tapetado de relva e orlado de flô-

res, com um rapaz novo e moreno que tivesse expansões d'amor e musculos d'aco a que vos encostasseis — uma d'aquellas marchas delicadas e gloriosas, levemente envolvidas em sombra, de que nos falla a prosa encandescente de Fialho d'Almeida...

* *

Nessa altura da tarde, a multidão voltou-se absorta; e perceberam-se, atravez dos grupos, ligeiros murmurios d'espanto. Era uma gentilissima loira que, cheia d'uma graciosa altivez, nos seduzia o olhar e a alma. E havia no delicado coração d'um nosso companheiro, estrophes riosas para aquella mulher, parece que toda feita de rosas e sol, sahida do ceu ao sereno descer d'um crepusculo, quando tudo é brande e morno, a paisagem se esfuma ao longe e os rouxinoes, ao desafio, começam a cantarolar as *petaneras* do amor, sorrindo e pipilando, em arrulhos d'uma melancholia graciosissima...

SANTOS MELLO.

SCENAS CAMPESTRES

A RESPOSTA DA RUSSITA

(A MANOEL MONTEIRO)

A Russita era uma formosa camponeza de grandes olhos castanhos, que nunca faltava a nenhuma das diversões da aldeia. Sempre que havia serão, descamisada ou festa de familia, lá estava ella a convite dos promotores, distribuindo em volta de si a franca alegria dos seus sorrisos. Era rente em toda a parte onde se tratava de folgar.

A sua presença tornava-se tão necessaria como a do tocador de viola. Dir-se-ia que não podia haver animação e enthusiasmo sem a cooperação da Russita. É que ella na verdade era a mais alegre e galhofeira de todas as raparigas da aldeia.

Preparava-se um bailarico; que frieza se não estava a Russita! Mas, em ella apparecendo, as vozes reanimavam-se, os rapazes gingavam com mais garbo, e até os tocadores sacudiam com mais furor as cordas das violas.

*

O tio Manuel do Pico, lavrador remediado a quem tinha chegado ha pouco tempo um filho de volta do Brazil, deu descamisada na quinta do seu sobrenome, convidando para ella a rapasiada mais folgasã do logar, e as raparigas mais frescas e *cantadeiras*. Escusado é dizer que a Russita não faltou, acompanhada pela mãe e seguida do namorado, um grave mocetão, que só depois d'um anno de constante *empiscadella* é que conseguiu collier-lhe o *sim* por entre um sorriso de verdadeiro amor.

Apenas a Russita chegou ao logar da descamisada, todos pronunciaram em côro o seu nome gracioso, que lhe proveio da frescura do rosto e do farto cabello muito louro e setinoso.

—Eh lá, oh Russita, vá de cantar, ordenou do lado o *sé Manoel* do Pico.

A Russita não se fez rogada. Envolveu a roda 'num dos seus olhares mais risonhos, ao radiar do qual se oppoz a densidade da noute, e entoou em seguida com voz firme e timbrada o primeiro

verso d'uma quadra popular. O filho do tio Manoel, o brasileiro, que conversava ao lado com dois camponezes, fazendo-lhes a apologia exagerada do Imperio, veio-se logo impressionado com a voz da Russita.—Devia ed'Abreu trazer em si todos os predes publicos formosura quem possuia leu a voz tão bella, pensou elle.

Quiz conhecê-la, e foi assentando-se ao lado d'ella para verificar se effectivamente era tão bonita como a imaginára.

Reconheceu que não se enganára, e, terminada a descamisada, veio esperal-a ao portão, para lhe dizer baixinho, num tom affectuoso:

—Sua moça, eu lhi quero muito.

A Russita fitou-o com ar de desprezo, e sahio a rir-se interiormente da figura do brasileiro.

Mas elle nem por isso deixou de a perseguir com ternas amabilidades, quer na fonte, quer no campo, emfim por toda a parte onde ella ia.

A Russita já estremecia ao vê-lo. Temia que o conversado, que tinha um genio desconfiado e ciumento, soubesse d'aquillo e fizesse alguma asneira.

Um dia seguia ella descuidosa e ridente ao longo d'um atalho, quando elle lhe appareceu ao fundo inesperadamente. Depois de lhe perguntar o nome, que ella disse com certa timidez, declarou-lhe—que a amava muito, que as suas tenções eram casar com ella, e que não deixava de a perseguir, enquanto elle não respondesse...

Neste momento acudiu á mente da Russita uma ideia admiravel.

—Não tenho *aquella* nenhuma em lhe dar a resposta, disse ella a sorrir, se não tornar o *préscurar-me*. Vá no domingo á missa que lá lh'a darei... Mas se m'apparece antes, nada temos feito.

E foi-se a correr pelo atalho além, deixando-o allí embasbacado, a olhal-a pelas costas e a pensar na resposta que havia de ouvir-lhe no domingo.

Attendendo á recommendação da rapariga, não lhe appareceu durante a semana, ainda que

com isto contrariasse o seu coração sinceramente enamorado.

No peringo, entrou na egreja de crypara ouvir a missa querido Alahida dos labios da uma esfusia mettida resposta.

Hurrah! interiormente,—Coimbra, 30 e as palavras d'ella ao coração uma

Novos collepleta, quando o Aochor; sahio da sachristia e parou a meio do altar-mór. Ageitou os grandes oculos, encarou meia folha de papel sellado que o acolito lhe passou, e leu:

«Querem contrahir o santo sacramento do matrimonio Luiza da Conceição com José Maria, ambos de S. Martinho.»

A voz do prior pronunciando o nome da Russita, produziu no brasileiro o effeito d'uma paulada que o deixasse atordoado.

Não quiz ouvir mais. E sahio logo da egreja, tremulo e pallido, com a alma a debater-se-lhe no fel d'aquella desillusão.

Coimbra.

EDUARDO D'ALMEIDA.

VELHINHA

Eil-a, descendo a passos vagarosos em busca do seu tumulo, curvada, sempre a fitar a luz d'aquella estrada que ha de levall-a aos páramos ditosos.

A' noite, nos momentos silenciosos, pega num livro, numa fé sagrada, e é vél-a por espaços ajoelhada, resando a meditar nos santos gosos!

Viver assim—que immensa soledade dos sonhos da alma... E como nos captiva vêr-lhe o rosto senil que na verdade

tem a expressão mais dôce e pungitiva: bem como o pranto amargo da saudade, ou qual uma saudade sempre viva!

EXCERPTO

Uma nuvem que fugia
levou as sombras consigo;
foi então que o Sol amigo
deu luz á noite...

Maria,

a nuvem—era a illusão,
as sombras—um mar de abrolhos...
o Sol—a luz dos teus olhos,
a noite—o meu coração.

1883.

ANTONIO FOGAÇA.

CARTAS DO NORTE

I

(A SANTOS MELLO)

Meu amigo:—As arvores do Minho, companheiras leaes da minha relembra da infancia acharam-me velho e triste.

Quando lhes procurei a sombra, quando enviava uns beijos de saudade á primavera das suas folhas, debalde busquei a alegria d'outros tempos em que lhes colhia os fructos e as flôres e doidamente as abraçava aos sons d'uma trova, ou ao canto d'uma cotovia.

Coimbra pesou meus sonhos

na balança da actualidade, e, francamente, achára-os tão leves, tão banaes, que me materializou a ponto de conceber o Ideal encarnado na plastica appetitosa d'uma mulher vulgar, divorciada ha muito do sentimento e da alma.

E isto, meu amigo, não agradou ás minhas arvores. Deixaram de me alegrar, como o sol vae esquecendo a planta que se murcha; e quando agora tentei subir aos seus braços, ellas, retirando-me os sorrisos que já me foram esperanças, e lançando-me um olhar silencioso e vago, despresaram o seu velho estroina—esse esquecido, incapaz de fazer hoje d'aquelles ramos trapezio de mil loucuras.

Senti então necessidade de aspirar bons ares, envergonhado da sombria mudez da minha ingratidão, desejando ao mesmo tempo bater a affronta d'esse desprezo com um inimigo que não tivesse á frente a pobre cezeira do meu lar. Eu respeitara-a sempre, como avó paciente; e custara-me deixar essa velhinha merencorea, apesar de outr'ora lhe ter golpeado os seios com um canivete marca de anzol, que, muito a occultas, trocára na eschola por uns figos passados.

Foi por tudo isto, por me vir arrancar do meu aborrecimento ingrato, que eu abracei, com a sinceridade que me conheces, o nosso bom José Carvalho, quando elle me lembrava o centenário do Bom Jesus, onde eu iria deixar as nuvens da tristeza, enchendo a alma d'um entusiasmo de que a sinto distanciada, como o espirito de Beatrice da nova poesia...

A poucas horas de viagem, achei-me n'esse meio ruidoso de uma cidade em festa, que tu conheces bem: ruas cheias de flores e povo, janellas cheias de mulheres e sedas.

E pela primeira vez contemplei Braga—a *santa*—fazendo esquecer pelos bécos os nichos dos seus bemaventurados, e revestindo-se de gala, com o luxo d'uma freira rica, para chamar as atenções do paiz inteiro e lhes banquetear os olhares com pompas e vaidades, d'uma idolatria raras vezes vista...

Fui depois ao Bom Jesus. Eu precisava de encher o coração e

os olhos com as hallucinações magestosas da arte; precisava de beber a bondade incomparavel de maio, como quem toma um tonico excellente, banhando o peito nos largos d'um horisonte esplendido, já quando o sol poente põe enormes manchas rubras no dorso azul-escuro das aguas.

O Bom Jesus é, como sabes, um verdadeiro paraíso, onde se nos esquece o olhar na frescura dos seus lagos e fontes e na soberba e radiosa comprehensão artistica das suas magnificas estatuas.

A tarde passava serena e fresca, 'numa harmonia deliciosa de sons e côres, de sorrisos e vida, de emoções e franqueza... E a paz convidativa do sitio, os verdes troncos dos vegetaes musgosos, a interminavel variedade de brilhos que a tela da Natureza ostenta, pareciam fazer-me rejuvenescer o espirito 'numa hilaridade triumphante de encantos e virtudes, desconhecida da minha nostalgia habitual e dos meus pezadelos e tedios...

Porém os dias voaram e os festejos acabaram-se. E, então, eu e o meu amigo voltamos para esta formosa aldeia, d'onde te escrevo, sentindo a falta da tua soberba gargalhada, epilogo muitas vezes de doces historietas amorosas que eu te contei nas bellas noites de Coimbra, 'naquellas noites de luar e de goso em que fallavamos muito acerca do sublime e nunca esquecido auctor do *Bispo e dos Falsos Apostolos*, d'esse athletico poeta — o meu predilecto Guilherme Braga — vulto quasi lendario na historia da litteratura portuguezã e que tão cedo deixou de arremessar para a luz esses punhados de mimosas perolas, que só elle entre nós artisticamente sabia buscar no immenso mar que Victor Hugo domina.

Ah! meu amigo, quando fallo d'este genio, — talento excepcional e unico — não posso deixar de recordar, como um triste dobre de finados, a verdade negramente pulsada na melancholia de dois versos seus quando o poeta julgava reconhecer uma voz que estimára muito e muito, interrogando-o da treva

sobre o que o prendia a este mundo, e a quem elle respondia sombriamente:

*«Na estrada onde me vês
deixo os outros passar e espero a minha vez!»*

*
* *

São onze e meia da noite. Termino, meu caro Mello, porque não devo abusar mais da tranquillidade d'esta casa de campo onde tudo já dorme. E enviando-te um abraço sincero, peço-te sómente, pelo valor da nossa amizade, que quando deixares Coimbra lhe lances por mim um olhar sauloso — que eu não posso esquecer-a, ainda que por lá gastasse a alma febrilmente, lançando sombras na minha mocidade e concorrendo sem o querer para a desdita das minhas pobres arvores!

Teu sempre amigo

JULIO CELENO.

DOIS DEDOS DE PALESTRA

A respeito de novidades, nem uma unica que mereça ser registrada... A cidade indifferente aos altos debates scientificos que ha quinze dias a esta parte se têm exposto ahi para os lados da rua Larga, continúa invariavel a sua marcha pela estrada da sem-saboria, sem alteração importante na pacatez dos seus costumes. Levanta-se de madrugada, quando o azul se esclarece e as cumidadas denunciam o sol, toma aguas ferreas, passeia os leites de burra á beira do Mondego, e recolhe-se pela volta das sete horas, tympanos recheados de gorgeios de rouxinol e grande appetite para o almoço.

Passa o dia alimentando escassamente a pobreza do seu commercio, debicando escandalos futeis pelos centros de cavaco e estropiando musica nos pianos do Tinoco, um afinador que se poz de mal com a harmonia e declarou guerra de ensurdecer aos ouvidos de toda a Coimbra, servindo-se para isso da arma mais atroz que conhecemos — uns Erard no terceiro grau de desafinação, que Tinoco o maldito, fornece desde longa data e por pre-

ços commodos á burguezia da boixa, empenhada em prender as filhas para desenvolverem o appetite matrimonial á algum bacharel baboso, que a magistratura manda-se ao Diabo e por quem suspirem ardentemente os logares de Secretaria...

*
* *

A meio da tarde, quando o sol dobra o Mondego, acenando ás trapeiras por entre os arvoredos do caes, a baixa toma o aspectu d'um grande idyllio que se ostenta picaresco e reles desde as grades da Portagem entre sopeiras rechonchudas e soldados basbaques, 'num descarado *pes-canço*, até aos segundos andares dos altos predios da Sophia, d'onde as Julietas delambidas e espartilhadas, com fartos recheios d'algodão em rama, fazem cahir d'envolta com o pó d'arroz de *Piver*, um chuveiro de sorrisos sobre os Romeus que pavoneam cá por baixo o janotismo das farpellas.

Mas á noute — oh ánoute! quando a lua boiando em pleno azul innunda de luz toda a paysagem atravessada pelo Mondego, a fina flôr das meninas recatadas que soffrem do estomago e do coração, avidas de frescura e de caricias amorosas, seguindo em passo de procissão para a Estrada da Beira, tomam assento n'aquelles bancos de pinho esverdeados, e alli occultando-se na sombra dos arvoredos, vão digerindo socegradamente o platonismo das suas almas com as torradas da ceia — digestões intercortadas de suspiros de melancholia e arrotos a manteiga de vacca. Ó minhas tristes meninas, como me fazem dó os vossos soffrimentos!...

*
* *

São 11 da noute. E a estas horas silenciosas, o meu visinho alli do trapeira esfogueteia-me os ouvidos com os seus estudos de harmonico.

Não conhecem o meu visinho não? E' um excellente moço, caixeiro d'uma loja de pannos, um rosto gorducho e sanguineo de menino Jesus d'oleographia barata, loura cabelleira empastada em banha e penteada com esme-

ro. Este pobre rapaz experimentou uma paixão violenta pela sopeira da casa, e, como ella o trocasse por um clarim de cavallaria, passa agora as horas vagas no fundo da trapeira, procurando esquecer o pranto em que o deixou a ingratição da amada a estender e a encolher na execução d'hymnos nacionaes o seu instrumento predilecto — o harmonico.

Ah! mas como elle me desafina os nervos! Como se contorce horrivelmente a minha sensibilidade — esta rica insensibilidade que enguiça com qualquer coisa!

Meu louro visinho querido, mais senso commum, e menos furor pela arte, sim?

E. d'A.

A VISCONDESSA

(A SOLANO D'ABREU)

—o—

O dia tinha sido quente, abafado; — e quando o sol começou a sumir-se 'numa suave decadencia, 'numa frouxidão lenta, pondo no ar uma côr amarellecida espalhada pelos ultimos raios, ainda a viscondessa sentia no corpo uma forte *quebreira* produzida pelo calor.

Das janellas do seu quarto pendiam cortinados alvadios, obstando a que penetrasse com toda a força as quenturas do sol, que desaparecia. Diffundia-se uma meia luz pelo quarto, uma penumbra tépida, fazendo tons sombrios e ao mesmo tempo deliciosos em todo aquelle ambiente.

Envolvida no finissimo roupão, d'um largo decôte que deixava o collo e os hombros a descoberto, a viscondessa descansava entre estofos, 'numa attitudo cheia de indolencia provocadora... Sentia-se enfasiada 'naquella temperatura calida; e com as mãos pequeninas alargava mais o decôte, nos fortes desejos de brisas frescas e perfumadas, que lhe acalmassem o sangue fêrvido. Sonhava um lago bem frio, onde podesse saltar sem que a vissem, fazer á vontade umas brincadeiras com a agua, pondo frescuras no corpo setinoso, e, depois, metter-se entre finos lençoes de linho macio, muito suavemente,

a rir-se, a trocar o sol—esse atrevido que a incommodava! Que bom!... Recordava-se do prazer que sentira no banho da manhã, na tina de mármore, ao levantar da cama; mas a frescura d'esse banho passara breve, porque o sol fôra fortissimo durante o dia.

Por vezes agitava o leque de madreperola; e depois, deixando pender o braço nu, ficava na mesma attitude cheia de indolencia provocadora... com os seios palpitantes...

Que calor, que aborrecimento!...

A porta do quarto abriu-se de manso. Era o marido que entrava, a dizer-lhe adeus; ia dar o passeio do costume.

Caminhou para a viscondessa e beijou-a na cabeça loura... Quando se retirava, perguntou.

—Queres vir?

Que não... disse-lhe ella: Não estava para vestir-se, incommodava-se...

Quando o visconde sahio, ella ergueu-se num adoravel espreguicamento; e correndo os cortinados da janella:—Que insipido, o sr. meu marido!...

**

Ella tinha feito um casamento de conveniencia. Nunca sentira a minima dedicação amorosa pelo visconde, homem que lhe destinaram, mas... 'naquella occasião... a conveniencia obrigava... E casou, pensando muito num rapaz louro, o Eduardo, com quem brincara desde creança. Dizia-se que ella fôra sempre muito inclinada para aquelle rapaz; gostava d'elle; e ainda na vespera do casamento lhe enviara uma carta, cheia de prazeres e ao mesmo tempo de cinismo, que terminava assim: «Não te querem para meu marido; que importa? Serei esposa do visconde, mas ficarei tua amante.»

E por isso, quando o marido sahio para o passeio do costume, ella acenou para a janella fronteira d'onde o Eduardo espreitava, espreitava muito...

E os cortinados correram-se de novo, alegres e brancos como se escondessem um gracioso crime...

Coimbra. G. MOREIRA.

SONHANDO

(A EDUARDO DO VALLE)

Dorme tranquilla: o roseo peito arfando
Faz-lhe ondular as formas deliciosas...
Distinguem-se-lhe as curvas graciosas
Do corpo esculptural, virgineo e brando...

E a timida cabeça repoisando
Na brancura das roupas setimosas...
Ondula-lhe nas faces melindrosas
Um sorriso gentil de quando em quando.

Desprende-se-lhe a trança caprichosa.
Nas alvuras do linho transparente
Ergue, tremendo, a palpebra medrosa.

Sobe-lhe á face a ingenua côr do pejo...
E passa-lhe nos labios mansamente
O rumuroso frenito d'um beijo...

SILVESTRE FALCÃO.

CARTEIRA

Realizou-se hontem em D. Luiz, um sarau dramatico-musical, promovido pela *Eschola Livre* em beneficio d'um dos seus discipulos mais distinctos, Julio Motta, que a doença veio surprender em plena expansão de vida e de talento.

Abriu o sarau com as *Tribulações d'um estudante*, uma farsada insulsa com pretensões a *charge* que Santos, Ramallete e Luiz Cardoso desempenharam rasoavelmente.

Seguiu-se uma aria, cantada por José Lucio e um concerto de flauta por A. Paes. Ferreira da Silva recitou os Camarões com aquella intuição de verdadeiro artista que todos lhe reconhecemos.

E para terminar J. Doria e Antonio Cardoso, duas excellentes vocações scenicas, desempenharam com graça e naturalidade, os *Dois candidatos*, entre-acto que para ahi anda massaciado pelos theatros particulares e em que elles obtiveram bastantes applausos. Um bravo a todos pela acção generosa que fizeram e pela bella noite que nos proporcionaram.

A Redacção e Administração da COIMBRA EM FRALDA ficam provisoriamente estabelecidas na rua do Sargento-Mór n.º 22.

PUBLICAÇÕES

CARLOS BRAGA

○ PADRE HENRIQUE

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS

Com o retracto do auctor e uma carta prefacio por Trindade Coelho.

J.L.da Costa, editor—Coimbra.

PREÇO 400 reis

PANORAMA CONTEMPORANEO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Proprietario

José Luiz da Costa

ESCRITORIO DA EMPREZA

231—Rua do Ferreira Borges—237

Recommendamos ao publico esta interessante e luxoso publicação.

LIÇÕES

Para a cadeira de legislação nos lyceus

POR

LUIZ PALMEIRO

Estudante do 3.º anno de direito.

Assigna-se em casa do auctor.

Rua do Cotovello

COIMBRA

IMPRESA N DEPENDENCIA

14-RUA DOS COUTINHOS-14

COIMBRA

Neste estabelecimento executam-se com a maxima rapidez, perfeição e acceio todos os trabalhos typographicos. Imprimem-se livros, jornaes, relatorios e circulares, mappas de grandes dimensões, bilhetes de visita e participações de casamento. Na IMPRESA INDEPENDENCIA vendem-se impressos concernentes a todas as repartições publicas.

A rapidez, modicidade e nitidez dos seus trabalhos têm-lhe attrahido a concorrência das repartições publicas d'esta cidade e das premeira terras do paiz.

EXPEDIENTE

Os srs. assignantes a quem faltar algum numero, podem requisital-o na rua do Sargento-mór, n.º 12, todas as quartas e sextas das 10 da manhã ás 2 da tarde.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que continuaremos mandar proceder á cobrança das assignaturas com a entrega do n.º 10.

VENDE-SE O NOSSO JORNAL

COIMBRA—Kiosque da Praça do Commercio. Venda nas ruas aos sabbados e domingos.

LISBOA—Tabacaria Monaco, ao Rocio, Livraria Campos & C.ª —rua Augusta, n.ºs 86—88.

SANTAREM—Loja do sr. Joaquim d'Oliveira Baptista e na agencia de jornaes do Sr. Antonio Maria Almeida.

BRAGA—Kiosque Gonçalves,

VIZEU—Livraria Academica do sr. José Maria d'Almeida,

FIGUEIRA DA FOZ—Costa & C.ª —largo do Carvão.

THOMAR—Viuva Campeão & Filhos.

ABRANTES—Antonio Francisco Salgueiro.

PORTO—Kiosque da Praça de D. Pedro.